

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Dissertação de Mestrado

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TEMPOS DE CRISE: DESAFIOS E
PROPOSTAS APÓS A CATÁSTROFE HAITIANA**

RENEL PROSPERE

Rio Grande, 2011

RENEL PROSPERE

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TEMPOS DE CRISE: DESAFIOS E
PROPOSTAS APÓS A CATÁSTROFE HAITIANA**

Dissertação de Mestrado apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação Ambiental da Universidade
Federal de Rio Grande, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre
em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martín

Rio Grande, 2011

P966e Prospere, Renel
 A Educação Ambiental em tempos de crise : desafios e
 propostas após a catástrofe haitiana / Renel Prospere. – 2011.
 133 f.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio
 Grande – Mestrado em Educação Ambiental.

 1. Educação ambiental. 2. Desastre natural. 3. Haiti.
 I. Guillermo Martín, Alfredo. II. Título.

CDU: 504:37:502.58

Banca Examinadora:

Professor Doutor Alfredo Guillermo Martin (FURG) Orientador

Professor Doutor Carlos RS Machado (FURG)

Professora Doutora Renata de Melo Rosa (UniCEUB)

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todos aqueles que acreditam que não basta afirmar "temos de cuidar do futuro do homem e do planeta"; também temos de responder por que razão temos esse dever e por que razão temos obrigações e deveres.

AGRADECIMENTOS

Muito Obrigado

A Deus, e aos Espíritos por guiarem meus passos.

Aos meus pais, Coeurgil Prospere e Alina Charles que, atualmente, encontram-se na minha pátria, mas pelo esforço que sempre fizeram para propiciar a melhor educação aos seus filhos; pela compreensão diante da minha ausência e pela preocupação diante da lenta caminhada para o alcance de meus objetivos profissionais.

Aos meus irmãos e minha Irmã, os quais, mesmo longe sempre me serviram de estímulo para a realização desse sonho.

À querida Luana Soares de Freitas, pelo amor e estímulo nos momentos em que pensei não ser capaz.

Ao caro Professor Orientador, Doutor Alfredo Guillermo Martín, pelas preciosas orientações ao longo desta caminhada. Sem o seu incentivo, o seu vasto conhecimento e a sua objetividade ao apontar os melhores caminhos, nada disso seria possível.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), em especial, professor Doutor Carlos RS Machado, pelas inigualáveis aulas e discussões promovidas, sem as quais os horizontes não teriam sido ampliados.

A todos que, de qualquer forma, contribuíram para o presente trabalho. Em especial, à Doutora Renata de Melo Rosa, pela sua disposição em fornecer os materiais acerca do Haiti.

E finalmente, aos discentes e servidores do PPGEA pelos bons momentos que me proporcionaram durante o curso. E, evidentemente, à FURG, que continua sendo um exemplo de Universidade Pública e gratuita para todos.

Epígrafe

*La grandeza de un hombre no se reside en sus actos sino en su estilo.
La existencia no se parece a una curva constantemente ascendente,
sino a una lenta, y a veces triste, serie de altibajos.
Siento horror por las debilidades; las entiendo pero no me gustan.
No coincido con aquellos que piensan que es posible vivir la vida
marchando por un camino cómodo y tranquilo.
No es eso lo quiero...*

FRANTZ FANON, 1952

*Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre
e se exprime por meio desta voz. Sabemos que ele não é homogêneo
e que nele se encontram ainda povos subjugados,
Outros que adquiriram uma falsa independência,
outros que batem para conquistar a soberania,
outros, enfim, que obtiveram a liberdade plena, mas vivem sob
a constante ameaça de uma agressão imperialista.
Essa diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão.
Fanon não dissimula nada: para lutar contra nós,
a antiga colônia deve lutar contra ela mesma.
Ou melhor, as duas formas de luta são uma só. No fogo do combate,
todas as barreiras interiores devem derreter-se.*

JEAN-PAUL SARTRE, 1961

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	10
LISTAS ABREVIATURAS E SIGLAS	10
APRESENTAÇÃO	12
RESUMO.....	14
ABSTRACT	15
PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	16
PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	20
JUSTIFICATIVA.....	20
OBJETIVO	21
HIPOTHESES.....	21
PROCEDIMENTO METOLÓGICO	21
1. CAMINHOS PERCORRIDOS PELO HAITI	22
1.1 O Haiti	23
1.2 O Haiti do ponto de vista Cronológico e Histórico	25
1.3 O Haiti esquivado resurgiu no cenário internacional por causa de uma catástrofe natural – um terremoto	36
1.4 É Cooperação com as Crianças orfãos pós terremoto no Haiti ou Trafico humano?	42
2. A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A RELIGIÃO VODU	46
2.1 Em busca de uma aproximação do conceito “natureza/meio ambiente”	46
2.1.1 Tomando, nas mãos, os conceitos meio ambiente/natureza, na atualidade.....	51
2.1.2 O contexto mundial da natureza e do meio ambiente.....	52
2.3 Em busca de uma definição da palavra “Religião”	58
2.4 O “Vodu” o que é?	59
2.4.1 O Vodou e sua ligação com a Natureza.....	63
2.4 .1.2 Descrição de um culto do vodou haitiano ligada aos 4 elementos da natureza	66
3. A PROBLEMATICA AMBIENTAL NO HAITI: O DESMATAMENTO COMO O GRANDE DESAFIO PÓS-TERREMOTO	67

3.1. Situação do Haiti antes do terremoto	68
3.2 O Contexto do Haiti pós-terremoto	69
3.3 Comparando os problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana: ambos os países encontram-se numa mesma ilha	71
3.3.1 Enumerando e comparando as problemáticas ambientais de ambos os países	73
4. A REINVENÇÃO DA NATUREZA DO/NO HAITI	92
4.1 A importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana.....	93
4.2 O vodu e o kreyòl como elementos essenciais para os saberes ancestrais ...	97
4.3 As plantas medicinais haitianas (homeopatia e fitoterapia) como alternativas de medicamentos	100
4.3.1 Uso das plantas medicinais.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.1. As imagens dos fundadores da Pátria da República do Haiti feitas por um pintor local.	29
Fig.2. Imagem do Palácio Nacional, sede do Governo Haitiano- antes do terremoto	37
Fig.3. Imagem do Palácio Nacional sede do Governo Haitiano depois do terremoto.....	37
Fig.4. A principal praça da capital haitiana “ <i>Champs de Mars</i> ” virou campo de refugiados	40
Fig.5. Parece pedras no meio da rua, mas não, são cadáveres de seres humanas.....	41
Fig.6. Um bebe de sete meses que era transportado sem documentos pelo	

grupo Norte americanos detidos.	44
Fig.7. Dois senadores democratas promovem nos Estados Unidos a adoção dos órfãos haitianos.	44
Fig.8. Pacientes com sintoma cólera recebem atendimento em um hospital	71
Fig.9. Imagem de 2 montanhas, o Haiti e a República Dominicana	78
Fig.10. Em busca do pão de cada dia, numa condição precária, mas os jovens parecem felizes	79
Fig.11. A busca pela sobre vivência no dia a dia	80
Fig.12. É o mercado de vendas de carvão em <i>Port-au-Prince</i>	82
Fig.13. <i>Le Pic la Selle</i> , 2.468 metros, um das mais altas do Haiti	83
Fig.14. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão	84
Fig.15. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão	85
Fig.16. Cenário Preocupação quase não presença de arvore	86
Fig.17. Práticas arcaicas na preparação e fabricação de velas	87
Fig.18. É depredada na busca de seiva para a produção de velas	88
Fig.19. Terreno praticamente devastado, não há presença de arvores	89
Fig. 20. A figura da matriarca na cultura haitiana	95
Fig. 21. Absinto/Labsent	111
Fig. 22. Alho/Lay	111
Fig. 23. Barbosa/Pat lalwa	112
Fig. 24. Amêndoa/Zanmand	112
Fig. 25. Anis/Lanni	113
Fig. 26. Cura tudo/Guerimo	113
Fig. 27. Bananeira/Pye Banann	113
Fig. 28. Graviola/Korosol	114
Fig. 29. Gengibre/Genjamb	115
Fig. 30. Abóbora/Joumou	115
Fig. 31. Cravos da Índia/Giròf	116
Fig. 32. Goiaba/Gwayab	116
Fig. 33. Camomila/Kamomiy	117
Fig. 34. Mangueira/Pye mang.....	117

Fig. 35. Limão/Sitron	118
Fig. 36. Quinino indiano/Deyè do	118
Fig. 37. Mamoeiro/Pye Papay	119
Fig. 38. Tomateiro/Pye Tomat	119
Fig. 39. Abacaxi /Anana	120
Fig. 40. Caraguatá/Pegwen	120

LISTA DE TABELAS

Tabela1. A Cronologia Histórica de Haiti.....	26
Tabela 2. Expectativa de vida de alguns países	68
Tabela 3.Haiti e República Dominicana suas trajetórias como países vizinhos.. ..	73
Tabela 4. Kreyòl	102
Tabela 5. Tabela das plantas/ <i>Tablo plant yo (Kreyòl)</i>	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FURG: Universidade Federal do Rio Grande

UFPEL: Universidade Federal de Pelotas

UCPEL: Universidade Católica de Pelotas

PPGEA: Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental

EA: Educação Ambiental

RS: Rio Grande do Sul

CARICOM: Comunidade e Mercado Comum do Caribe

FMI: Fundo Monetário Internacional

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

UN: Nações Unidas

CNN: Cable News Network, "Rede de Notícias a Cabo"

AC: América Central

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EUA: Estados Unidos da América

AECID: Agência Espanhola de Cooperação Internacional de Desenvolvimento

PAM: Programa de Alimentação Mundial

USAID: Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

MEDAIR: Socorro de Emergência e Reabilitação

OXFAM: Organização internacional de ajuda e desenvolvimento, baseada na Holanda, que propõe soluções duradouras para a pobreza, a fome e a injustiça.

MSPP: Ministério da Saúde Pública e População.

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória como mestrando está chegando ao fim. Ao longo desses dois anos, pude perceber o quanto amadureci e continuo amadurecendo. Vivenciei vários mundos: o mundo da academia, da solidariedade, da amizade, do sofrimento e, principalmente, o mundo da nostalgia que me acompanhou até agora.

Meu percurso acadêmico em nível superior é recente; teve início na Universidade Católica de Pelotas-RS, no ano de 2005, quando iniciei o curso de Filosofia. Meus interesses iniciais foram obter conhecimentos acerca das questões mais pertinentes do envolvimento do homem com o meio em que ele se encontra inserido. A formação que tive foi de forma integrada, por isso, permitiu-me uma verdadeira mudança de pensamento, capaz de formar cidadãos atentos a pensar e refletir sobre os problemas de nosso tempo além de gerar saberes, ideias e valores impulsionadores capaz de analisar os verdadeiros problemas do mundo em crise, com o qual nos deparamos neste início de século. Nesse período participei em grupos de pesquisa, em semanas acadêmicas, seminários e eventos relacionados à área de filosofia e dentro de outros; portanto, carrego uma história fascinante.

Por sua vez, quem poderia acreditar na possibilidade de um jogador de futebol, depois seminarista, acabaria se apaixonando pela antagônica filosofia? Frequentei este curso até final de 2007 na UCPel, logo iniciei uma pós-graduação em educação nível de especialização na UFPel, e no ano 2009 fiz a seleção para o Mestrado no PPGEA.

Mas depois do Exame de Qualificação de Projeto da Pesquisa que ocorreu em dezembro de 2009, tive que trocar de Orientador por motivo pessoal, e logo o professor Dr. Alfredo Guillermo Martín assumiu o compromisso de orientar-me. Agradeço muito a ele por ter-me dado a oportunidade de concluir esse estudo. Depois da troca de orientador, meu tema de pesquisa modificou-se, tomando outra forma conforme minhas necessidades ao longo das orientações, tanto coletivas como individuais. Assim sendo, o tema desta Dissertação é: *A educação Ambiental em tempos*

de crise: desafios e propostas após a catástrofe haitiana, diferente do tema do Projeto de Qualificação da Pesquisa.

Na verdade, seria muito injusto se eu não mencionasse o nome do professor Dr. Carlos RS Machado, que me acolheu no PPGEA e com quem tive oportunidade de conviver durante um ano, no decorrer do curso. É um grande cidadão e com ele aprendi o que é ser cidadão do mundo. Desde o início ele acreditou que isso seria possível e com o passar do tempo, durante o primeiro ano desmotivei-me por motivo de saúde, saudade da minha família e dos amigos, longe da minha terra que amo tanto, dentro outras ausências. Mas o professor Carlos sempre insistiu em querer o melhor de mim, pedindo retorno das leituras sugeridas, mandando-me documentos, emprestando livros e xerox. É um exemplo como educador, por querer sempre socializar os conhecimentos; por isso, só lhe tenho a agradecer.

Assim, durante o processo de elaboração da escrita desta Dissertação deparei-me com varias dificuldades, como por exemplo o esforço constante em escrever da melhor forma possível o idioma português, que não é minha língua materna, e o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010. Esse acontecimento me deixou por um bom tempo paralisado, tanto física como emocionalmente, e em seguida apareceu um surto de cólera naquele país. Obviamente, após uma catástrofe como essa, que chocou o mundo inteiro e virou alvo de notícia no mundo por um bom tempo, a pesquisa tomou outro rumo, com a necessidade de falar acerca do terremoto, das problemáticas ambientais do Haiti pós-terremoto e da questão de desmatamento na região, entre outras questões. Sem dúvida, as temáticas mencionadas acima são de extrema importância para uma dissertação voltada aos principais problemas do/no Haiti. Respeitando os limites temporais e acadêmicos, procurei dar visibilidade ao tema proposto, que despertou-me muito interesse durante os últimos anos. Portanto, nada como o PPGEA na FURG para oferecer-me as bases teóricas sólidas em que me apoiei para fazer pesquisa.

RESUMO

O trabalho visa analisar, aprofundar e enriquecer o debate sobre alguns dos principais problemas ambientais do/no Haiti. Para compreender o Haiti, a primeira república negra do mundo a se tornar independente, é extremamente importante uma análise acerca da sua trajetória histórica. Começamos pelos tempos da escravidão, pós-escravidão, passando pela esfera política, econômica, educativa, cultural, religiosa e ambiental, para chegar a uma compreensão maior da problemática em pauta no dia de hoje. Com a luz da Educação Ambiental crítica, desde uma perspectiva sistêmica para conhecer e compreender as relações, os componentes, as interrelações, as organizações dentro da mesma sociedade, foi fundamental uma investigação de cunho bibliográfico, documental e comparativo sobre os principais problemas ambientais do/no Haiti. Tomamos como exemplo o desmatamento que acompanha o país ao longo de sua história, a pobreza, a miséria e seu impacto na saúde da população, transtornos que não surgem de forma isolada, mas como a soma de um conjunto de fatores. A responsabilidade começa com o papel e/ou a obrigação do Estado local, como o principal regulador e distribuidor dos recursos naturais, e transcorre até o dever do próprio cidadão como integrante do país. Levamos em conta a importância da religião vodou na cultura haitiana e a sua estreita ligação com a natureza, o impacto do desmatamento assim como o uso das plantas medicinais haitianas como alternativa viável de cuidado da saúde da população. Com base nessas perspectivas, é fundamental o papel do Educador Ambiental como articulador capaz de propiciar idéias, propostas alternativas para agir, refletindo e buscando sempre transformar a realidade vivida, na coletividade.

Palavras chave: Haiti, Educação ambiental, Valores, Propostas, Esperança

ABSTRACT

This paper aims to analyse, to deepen and enrich the debate about some of the main environmental problems in Haiti. In order to better understand Haiti, the first black republic in the world to become independent, it is extremely important to have an analysis about its historical trajectory. We may begin from the slavery and post slavery periods going through the political, economic, educational, religious and environmental areas to better understand the problematic in evidence nowadays. Based on the Critical Environmental Education, from a systemic perspective to know and understand the relations, the components, the interrelations, the organizations inside the same society, it was very important to set bibliographic, documental and comparative investigation about the main environmental problems from/in Haiti. We have, as an example, the deforestation which has been part of the country along its history, the poverty, the misery and their impact on the health of the population, which are disorders that do not arise in the isolated way, but as a junction of many factors. The responsibility begins with the rule and/or the obligation of the Local State, as the main regulator and distributor of the natural resources, and goes to the citizen's duty as a part of the country. We take into account the vodu religion for the haitian culture and its close connection to the nature, the impact of the deforestation as well as the use of haitian medical plants as a possible alternative to take care of the population health. Based on those perspectives, it is very important the Environmental Educator to be a person who may suggest ideas and alternative proposals to act, always thinking and searching to transform the reality lived, in the collectivity.

Key words: Haiti, Environmental Education, Values, Proposals, Hope

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A educação, como diz Méndez (2009), pode ser considerada e entendida sempre como uma ferramenta importante de mediação - pode servir para impor ou para propor, para submeter ou para resistir ou até para emancipar. Diante disso, ela é uma mediação polivalente, dependendo para quê, para quem e quem faz essa educação. Essa finalidade consiste nas principais questões que podem surgir acerca da educação, porque ela constitui-se em um processo complexo; nela afluem e se entrecruzam, ao mesmo tempo, a política, a economia, os interesses dos grupos sociais e as referências culturais, assim como os conflitos locais, regionais e mundiais. Nela confluem também a experiência, as escolhas, as esperanças, as desilusões, as frustrações e as inquietudes dos formadores de opiniões, mais precisamente dos educadores nas suas mais diversas áreas. Assim sendo, é importante esclarecer que a educação não coincide com a escolarização: esta é um dos múltiplos rostos daquela; portanto, mostra-se vital reconhecermos a relevância da vida dos indivíduos que participam nos processos educativos com suas demandas, lutas e engajamento, entre outros aspectos.

Nesse sentido, a educação pode ser entendida e definida como uma prática social cuja finalidade é aperfeiçoar o indivíduo naquilo que pode ser compreendido e recriado, chamando ou apelando-se para os diversos saberes em uma cultura. Para Loureiro, a educação

(...) é vista como uma atividade social de aprimoramento pela aprendizagem e pelo agir, vinculada aos processos de transformação societária. Reconhece que o ser humano se forma na história e se constitui pelas relações que define em determinadas culturas. O termo formar é usado no processo pedagógico para enfatizar que o ser humano não está pronto, é um “ser inacabado” e está em constante mudança, agindo para conhecer e transformar a sociedade. Entendida como processo formativo (e não apenas informativo), a educação pode criar condições propícias para exercer a cidadania (LOUREIRO, 2009, p.18).

A cidadania, conforme Adela Cortina (2005), é o resultado de uma prática, a aquisição de um procedimento que inicia com a educação formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação, ambiente social).

Na visão dessa autora, aprendemos a ser cidadãos como aprendemos a ser outras coisas, mas não pela reprodução da lei de outros e pela punição, e sim pela procura profunda de sermos cada vez mais nós mesmos. Por isso, necessitamos de uma cidadania respeitadora, voltada para os problemas ambientais e que possa contribuir para despertar a consciência dos indivíduos na preservação, conservação da natureza.

A natureza, como diz Hans Jonas (1995), parece ser um novo objeto de responsabilidade, como mostram as situações sem precedentes resultantes de ações cumulativas e ações irreversíveis denunciadas pela Ecologia e não abrangidas pelo enquadramento tradicional da ética. O apelo (mudo) da natureza não é só um sentimento, pois é sancionado pela maneira de ser das coisas. Dado que a tecnologia, por si só, trata a natureza como meio sem lhe atribuir a dignidade de finalidade, tem de existir um poder que a modere atendendo à "sacralidade" da natureza.

Na verdade os enfoques dos teóricos contemporâneos direcionam a questão socioambiental integrando as questões referentes à EA (Educação Ambiental). Esses enfoques procuram superar a dicotomia entre o saber tradicional e o saber científico. Os teóricos dizem que para entender uma determinada sociedade e/ou comunidade, mostra-se indispensável envolver todos os atores, principalmente aqueles das comunidades dos camponeses que dependem exclusivamente dos recursos locais (Diegues, 1996). Sendo assim, as pesquisas no campo da EA são decisivas e, ao mesmo tempo, desafiadoras, visto que as preocupações ambientais são cada vez maiores nas sociedades de consumo. As notícias e as informações do/no mundo inteiro são dramáticas e os prognósticos são cada vez mais preocupantes: estiagem, desmatamento, retração dos gelos polares e elevação do nível dos oceanos são, entre outros, sinais evidentes das consequências das ações dos seres humanos. Nesses casos, o papel da EA revela-se fundamental na busca constante por caminhos ensejadores de alternativas na construção uma sociedade diversa, participativa e justa.

A educação ambiental deve impulsionar processos orientados na construção de uma nova racionalidade social (Leff, 1998). Processos de reflexão crítica, de questionamentos da racionalidade econômica e homogeneizadora dominante que possibilite as diversas comunidades legitimar seus saberes

frente aos hegemônicos, colocando-os em conjunto, produzir e apropriar-se de saberes para participar, autogestionar e decidir de forma autônoma. Em consequência referenciarmos a uma educação ambiental politicamente comprometida (GARCIA, 2009, p.11).

Essa “educação ambiental politicamente comprometida”, como salienta a autora na citação acima, deve ter a base na teoria da responsabilidade como fundamento racional da obrigação, enquanto princípio válido por detrás do dever. Ou seja, é como a galáxia do psíquico que movimenta a vontade e que determina o andamento da ação. A ética, neste caso, mostra-se indispensável e aparece sob dois sentidos, um objetivo de razão e outro subjetivo da emoção, portanto são dois aspectos complementares. Por isso, as manifestações de direitos teoricamente perfeitos não nos movem o agir por si sós se não tivermos responsabilidade. Para Jonas podemos ser “bem intencionados, ter boa vontade ou bom coração com os apelos da lei. Mas os imperativos da razão só movem se acionados por a sensibilidade” (1995, p.08).

Dessa forma a educação ambiental, nesta pesquisa, se propõe a fazer uma inclinação integradora das discussões acerca do saber local e científico em decorrência dos problemas socioambientais, em particular da problemática ambiental do/no Haiti. A discussão em torno da EA procura desenvolver o relacionamento dos saberes existentes, tanto no espaço comunitário como acadêmico. Porém, o campo da EA possui diversas orientações metodológicas, e está sendo usado neste trabalho o campo da EA crítica transformadora.

Entendemos por EA aquela que procura auxiliar uma leitura de um mundo difícil e instrumentalizado para uma intervenção que possa contribuir no processo de transformação da realidade socioambiental. Por sua vez, é uma abordagem na qual o aspecto crítico, a desordem e as relações de poder são importantes na construção de significados e na organização do espaço e tempo em suas múltiplas decisões. Nessa ótica, desvelar as lutas, buscamos entender a complexidade da realidade. Porém, apenas desvelar não resulta essencialmente uma diferenciação. Para este autor, é indispensável “uma práxis em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão do mundo” (GUIMARÃES, 2004).

O autor critica uma EA pouca articulada à ação coletiva e à mudança da realidade vivida (Guimarães, 2004). Sem dúvida, a autonomia e a participação são pressupostos fundamentais dessas abordagens de EA. A participação que deve partilhar poder e respeitar o outro, garantindo igualdade nos momentos de tomada de decisões. Para ele, a participação significa exercer a autonomia com responsabilidade (LOUREIRO, 2004).

Reconhecemos que a responsabilidade é uma liberdade humana. Dessa forma, é necessário que cada indivíduo de uma determinada sociedade assuma a sua parcela de responsabilidade. Se cada um fizer sua parte pensando na responsabilidade ambiental haitiana os problemas serão amenizados, o que é um dever de cada haitiano, estando fora do país ou não. Dessa forma, é interessante abordarmos esse grande desafio, embora o problema do Haiti não seja o único e nem exclusivamente ambiental. Mas com a problemática ambiental desse país, estamos também diante de problemas políticos, sociais, econômicos e, sem dúvida, éticos. Todas essas constatações motivaram o desenvolvimento desta pesquisa.

A partir de todos esses elementos de estudo, o trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro, trabalhamos sobre os caminhos percorridos pelo Haiti numa perspectiva histórica; ademais, foi escrita uma breve análise sobre a maior tragédia na história do país: o terremoto.

O segundo versa sobre a estreita relação entre a natureza e a religião Vodú; ainda nele enquadra-se a busca de uma aproximação do conceito natureza/meio ambiente, tomando em mãos esses conceitos na atualidade. A seção “Em busca de uma definição da palavra “Religião” procura explicar a religião vodú na cultura haitiana e sua ligação com a Natureza.

O terceiro capítulo diz respeito à problemática ambiental do Haiti: o desmatamento como o grande desafio pós-terremoto; a seguir o contexto do Haiti pós terremoto e logo, a comparação dos problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana, já que ambos os países encontram-se numa mesma ilha.

E, finalmente o quarto capítulo debruça-se sobre a reinvenção da natureza do/no Haiti falando da importância dos saberes ancestrais na cultura

local e mostrando como o *kreyòl*¹ e o *vodu*² são elementos essenciais nos saberes ancestrais; e finalmente apresenta o uso das plantas medicinais do Haiti (homeopatia e fitoterapia) como alternativa de medicamento viável. Dessa forma, são analisadas as dificuldades sanitárias que a população haitiana vêm enfrentando nos últimos tempos por falta de estrutura e de profissionais, o que provocou uma forte dependência de ajuda externa. Além disso o país foi assolado por uma eclosão de cólera que matou mais de 4.131 pessoas, segundo o último relatório fornecido pelo Ministério da Saúde Pública e População (MSPP). Portanto, uma EA atuando no campo da saúde popular e alicerçada nos saberes ancestrais pode ser uma ferramenta muito valiosa. Por isso, futuramente penso em atuar como educador ambiental nessas duas áreas (reflorestação e fitoterapia) de que o país necessita tanto.

PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Em função dessas problemáticas ambientais, quais seriam as tarefas de um educador ambiental que aceite o desafio de sua responsabilidade?

JUSTIFICATIVA

Diante do sofrimento, da pobreza, da miséria e da exclusão do povo haitiano, a questão ambiental poderia aparecer como um tema secundário frente à emergência de outros assuntos mais prementes. No entanto, justifica-se pela falta de informação a respeito das problemáticas ambientais no Haiti. Esse contexto faz com que esta pesquisa possa ter uma relevância capital, visto que apresenta dados que deveriam ser umas das primeiras preocupações das autoridades e do povo haitiano, em particular a questão do desmatamento, que pode transformar o país no primeiro deserto da América Latina caso não haja propostas e soluções rápidas a serem tomadas. Portanto, o papel da EA é imprescindível, visto que ela se revela uma ferramenta importante na formação de lideranças e de educadores ambientais capazes de propiciar ideias, estratégias e propostas como o reflorestamento e o uso das plantas medicinais haitianas (fitoterapia) na saúde pública como alternativas na minimização dos problemas em pauta.

¹ Segundo idioma falado no Haiti. É uma mescla da língua Yuriba da África com a língua do país colonizador França.

² Religião herdada da África Negra e especialmente das regiões *fon*, *yoruba* e *bantú*.

OBJETIVO

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar algumas problemáticas ambientais do/no Haiti pós-terremoto e averiguar como a Educação Ambiental pode servir de ferramenta na resolução das mesmas.

AS HIPÓTESES

- As principais dificuldades ambientais no Haiti, antes e depois do terremoto;
- As principais dificuldades são o desmatamento intensivo e a saúde pública precária;
- Os estudos comparativos dos problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana para compreender essas dificuldades;
- Proposta de reflorestamento no Haiti, usando, no futuro, o modelo da Mata Atlântica - *Instituto Terra de Preservação Ambiental*;
- O papel da educação ambiental e do educador ambiental na realização de reflorestamento.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico desta pesquisa foi feita a partir de abordagens qualitativas (Minayo, 2000; Marques, 2001; Moraes, 2005), porque a pesquisa qualitativa responde a demandas particulares, baseadas em realidades que, muitas vezes, não podem ser quantificadas. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, motivos, valores e atitudes que correspondem a um espaço muito mais profundo entre as relações e entre os procedimentos, que não podem ser reduzidos à mera operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000). A investigação desta pesquisa foi construída através de estudo bibliográfico, análise documental, análise comparativa e materiais fotográficos, na tentativa de realizar um exercício hermenêutico³. Dessa forma, nesse procedimento os princípios críticos da EA (Educação Ambiental) se fazem presentes como por exemplo, participação, cidadania, coletividade, responsabilidade e conscientização, dentre outros.

³ A palavra “hermenêutica” deriva do grego *hermenèuein* (“expressar”, “interpretar”) e significa originariamente teoria (ou arte) da interpretação (Franca D’Agostini, 2002).

CAPITULO I

1. CAMINHOS PERCORRIDOS PELO HAITI

O Haiti é um marco na história latino-americana, pois foi o primeiro país a obter, por meio de uma revolução de escravos negros, a independência frente à metrópole europeia, a França. Ao longo do século XVIII, converteu-se na mais próspera colônia da França na América com uma imensa produção açucareira. Por isso, podemos dizer que o Haiti foi empobrecido. No entanto, com as mudanças políticas que ocorriam pela revolução francesa na década de 1789 a 1799 e a desorganização da metrópole francesa, os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade se propagaram na colônia, desencadeando uma revolta dos escravos que culminou, após 12 anos de lutas, na independência haitiana em novembro de 1803, e essa independência foi proclamada no dia primeiro de janeiro de 1804.

Após a independência, e durante todo o século XIX, o Haiti aumentou a exploração de suas riquezas, entretanto esse procedimento causou uma grande dívida externa, em especial com os capitais norte-americanos. Essa dependência cresceu até o momento em que os EUA, sob a justificativa do não-cumprimento dos contratos, invadiram o Haiti em 1915 e o transformaram mais uma vez em uma colônia até o ano de 1934.

Depois de 1934, apesar da saída dos militares norte-americanos no país, a influência norte-americana permanecia forte na região. Após sucessivos golpes militares, foi em 1957 *François Duvalier*, conhecido pelo “Papa-Doc”, assumiu a presidência do país e declarou-se presidente vitalício. Implantou um regime ditatorial que espalhou o terror em todo o país até sua morte, em 1971. E continuou no comando seu filho, *Jean Claude Duvalier*, o “Baby-Doc” até 1986.

Este primeiro capítulo tem como finalidade situar o Haiti do ponto de visto geográfico e histórico, bem como fazer uma breve sistematização sobre a tragédia que sofreu a capital haitiana - *Port-au Prince* no dia 12 de janeiro de 2010, a qual exterminou mais três mil pessoas. Embora esta última parte não fizesse parte do Projeto da Dissertação, julgamos salutar incluí-la, porque faz parte da história do país, e é de extrema importância para uma dissertação que

discute ou problematiza a questão ambiental dessa nação. Assim esse sinistro, de uma forma ou de outra, acarretou danos ambientais, morais, mentais, sociais e econômicos.

1.1 O Haiti

Abaixo encontra-se o mapa da República do Haiti, onde construí minha história. Nasci no departamento do Nordeste (Terrier-Rouge) e fui alfabetizado no departamento do Norte, cuja Capital se chama *Cap-Haïtien* (Cabo Haitiano), a 150 Km da fronteira com a República Dominicana. É um país relativamente pequeno, porém é extremamente complexo em todos os sentidos. Para compreender um pouco sobre a relação desse pequeno país com o sua vizinha República Dominicana no Caribe, é necessário abordar vários aspectos, tais como as questões cultural, econômicas, sociais, políticas, educacionais, ambientais etc.



Fonte: <http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSu2wFnUpHxZX-wl9w9imSNFuLFQVHFVV3zm6vHA6BbLpNCKHLC9g>

A República do Haiti tem aproximadamente 10.188.175 habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km², segundo os dados preliminares do censo de 2009. A população está repartida em 10 departamentos geográficos: Norte, Nordeste, Noroeste, *l'Artibonite*⁴, Centro, Oeste, Sul, *Grand'Anse*⁵, les

⁴ Nome do departamento no Haiti

⁵ Idem.

*Nippes*⁶ e Sudoeste. O Haiti representa a região da América Latina e do Caribe que tem a maior densidade demográfica de 318,47 hab/ km². A taxa de crescimento anual da população é de 2,08, aproximadamente. A explosão demográfica e a crise econômica fazem com que se desintegre o mundo rural, motivando o êxodo massivo para as grandes cidades e para os países vizinhos. Sua maior cidade é a capital, *Port-au-Prince* (Porto Príncipe). A enorme densidade demográfica desencadeia problemas de urbanismo, transporte público, moradia, água potável, eletricidade e saneamento básico, entre outros (**Fonte:** IBGE, 2010).

Podemos observar o fenômeno que denominamos de explosão demográfica com o êxodo rural e a ausência de políticas públicas adequadas em matéria de urbanismo e atendimento à população. Os índices de mortalidade infantil e o analfabetismo são os números mais dolorosos e cruéis da realidade haitiana: morrem 107 crianças haitianas a cada mil que nascem. É um país de negros, os quais representam 85% da população. Somente 5% são brancos e 10% são mulatos (ROCHA, 1995).

A situação econômica traz, para o setor social, consequências graves que põem em perigo a sobrevivência da nação. A baixa produção em quase todos os ramos da economia e a deteriorização do sistema produtivo agravam cada vez mais o problema do desemprego. Há uma estimativa de mais de 75% de taxa de desemprego da população economicamente ativa. Em contrapartida, a implantação das políticas econômicas neoliberais impostas pelo fundo internacional piora ainda mais o quadro de vulnerabilidade social. O vazio político criado pela derrubada do regime Lavalas (1995-2004?)⁷, as cenas de saques nas empresas e no tesouro público pelos funcionários do Estado, a violência política, a proliferação de bandidos armados na região metropolitana de Porto Príncipe e os nexos com o narcotráfico do antigo poder Lavalas foram afundando o país gerando um verdadeiro caos, sendo que a situação incerta ultrapassa totalmente a responsabilidade dos políticos atuais. (SKROMOV, 2007). Uma análise da situação do Haiti está presente também em Rosa.

⁶ Idem.

⁷ Nome do Partido Político do Ex-presidente J. Bertrand Aristide, deposto na África do Sul..

Vários fatores condicionaram a dependência econômica do Estado haitiano em relação ao capital estrangeiro, entre eles, a geopolítica, a dificuldade em implementar uma economia de mercado capaz de gerar auto-sustentabilidade ao país e a dependência cultural ideológica e política das elites haitianas à Flórida, especificamente sua capital, Miami. Herdeiro ideológico do modelo colonial de desenvolvimento baseado na monocultura e alvo de um isolamento comercial, promovido pela França, nos períodos cruciais de estabilização econômica (pós-independência), inimigo histórico do país vizinho – A República Dominicana, associado às crises financeiras internacionais e a um mercado crescente e heterogêneo de produção de cana-de-açúcar, o Haiti tornou-se cronicamente dependente de assistência financeira e humanitária, vinda especialmente dos Estados Unidos e, colateralmente, do Canadá e da ONU. Ademais, a proximidade geográfica tanto dos Estados Unidos quanto de Cuba, torna o país uma região de disputas políticas e ideológicas bastante marcadas. Muitos críticos desta dependência argumentam que, no Haiti, o colonialismo ainda se faz nitidamente presente, nos mesmos moldes dos séculos XVIII (ROSA, 2006, p12).

De acordo com a citação acima, os fatores que condicionam a dependência econômica do Haiti são múltiplos. Enumeramos alguns: no dizer de (Laleau, 2008,p. 05) “a economia haitiana foi considerada como uma espécie de ontologia própria”, ou seja, uma veracidade transcendental desprovida de qualquer forma de parasito normativo. Não se pode frear a destruição da riqueza do país sem resolver a questão duradoura da inflação, pois isso seria deixar para o dia seguinte as satisfações de necessidades básicas de hoje. Com isso, podemos dizer que o Estado haitiano deve investir fortemente na produção interna, qualificar a mão-de-obra haitiana, controlar o crescimento da oferta de moeda na tentativa de colocá-la na linha com os objetivos da inflação estipulado pelo FMI, e ao mesmo tempo buscar alternativas para sair da tutela desse fundo pensando em uma economia autônoma.

1.2- O Haiti do ponto de vista cronológico e histórico

Nesta parte, abordaremos o aspecto histórico do Haiti, na tentativa de ajudar a situar melhor esta análise. Para entender o contexto no qual se encontra esse país, é fundamental fazer uma retrospectiva histórica. Assim poderemos encontrar fundamentos elucidativos dessa situação. Nesta tabela, apresentaremos algumas datas, acontecimentos e consequências que são

cruciais para compreender a conjuntura política-social, cultural, econômica, educacional e ambiental do Haiti.

Tabela 1: A Cronologia Histórico do Haiti

ANO	ACONTECIMENTOS	CONSEQUÊNCIAS
1492	Desembarque de Cristóvão Colombo na pequena ilha caribenha	Início da mercantilização da Ilha.
1492-1503	Perseguição à população nativa –indígenas (Arawak, Tainos) pelos colonos	Dizimização e escravização, através do trabalho nas minas.
1520	Os primeiros escravos africanos são levados para o Haiti	Início da escravização dos negros na Ilha, por falta de mão de obra.
1629	Piratas franceses e bucaneiros fazem dali a sua base na ilha da Tortue (Tortuga) que encontra na parte noroeste do país.	Controle absoluto dos colonos na ilha sobre os escravos.
1685	Publicação do Código Negro.	Uma série de regulamentações com o objetivo de organizar o comércio de escravos e os métodos coloniais de produção.
1697	O Tratado de <i>Ryswick</i>	A confirmação da soberania da França sobre a parte ocidental da ilha Espanhola, com o nome de Saint Domingue.
1749	Fundação de Port-au-Prince	Hoje capital do Haiti.
1770-1790	<i>Saint Domingue</i> , conhecido, na época, como “La Petite France” (A Pequena França).	É responsável por 2/3 do comércio exterior da França. A população é formada por 40 mil colonos brancos, 28 mil mulatos e 450 mil escravos negros.
1791	Revolta geral dos escravos	Incêndio nas plantações de cana-de-açúcar e nas usinas.
1793	A abolição da escravidão em <i>Saint-Domingue</i> .	Início da organização dos escravos.
1795	Tratado de Basel	A Espanha cede a parte oriental da ilha à França, porém a guerra na Europa impede a transferência da posse.
1801	Toussaint Louverture, ex-escravo, estabelece a autonomia da ilha sob a	A organização dos escravos se intensifica.

	soberania da França.	
1802	Napoleão Bonaparte manda uma expedição punitiva para restabelecer o poder colonial e restabelecer a escravidão. Guerra de Independência.	Toussaint L. é capturado e exilado em junho de 1802. Morre em uma prisão na França, no dia 7 de abril de 1803.
1804 1º de janeiro:	Jean.Jacques Dessalines proclama a independência de toda a ilha.	O país adota novamente seu nome indígena original: Haiti /Ayiti (terra montanhosa).
1806 17 de outubro:	J.J Dessalines é assassinado.	Henry Christophe toma o poder.
1807- 1818	Alexandre Petion governa uma república separada, no oeste.	Revolta dos camponeses no Sul.
1807- 1820	Henri Christophe governa a parte norte do País e se proclama rei.	Tirania absoluta no Norte do país.
1808	Com a ajuda da Inglaterra, a Espanha recupera a parte leste da ilha, com o nome de Santo Domingo.	Volta da escravatura na parte ocidental da ilha.
1820	O Haiti é reunificado pelo sucessor de Petion, Jean Pierre Boyer.	O país volta a crescer financeiramente.
1822	O Haiti ocupa Santo Domingo sob o comando de J.P Boyer.	Tal ocupação levou a anexar Santo Domingo por 22 anos ao Haiti
1825	Reconhecimento da independência haitiana pela França.	Em troca de uma indenização de 150 milhões de francos-ouro, o equivalente ao orçamento anual da França na época
1844	Os haitianos são expulsos de Santo Domingo.	A volta da liberdade na parte ocidental da Ilha.
1844- 1908	Grande instabilidade política e comercial no País.	Sucessivas revoltas de camponeses contra latifundiários e a burguesia.
1862	Fim da Guerra de Sucessão	Os Estados Unidos reconhece a independência do Haiti, 58 anos depois.
1908- 1915	Inúmeras rebeliões contra o poder em Porto Príncipe, dirigidas principalmente por latifundiários do norte do país.	Aumenta a instabilidade política, por trás da qual, há uma violenta crise econômica.

1915- 1934	Ocupação do Haiti por fuzileiros navais norte-americanos.	Os Estados Unidos afirmam que é necessária a ocupação “para serem restabelecidos a ordem e os interesses norte-americanos”.
1915- 1919	Resistência de guerrilheiros camponeses, liderados por Charlemagne Peralte.	Luta dos camponeses contra a ocupação norte-americana.
1957	François Duvalier “Papa Doc” é eleito presidente, com apoio dos Estados Unidos.	Início da ditadura.
1958	F. Duvalier organiza os “Tonton Macoutes” Espécie de milícia, espião (bicho-papão).	O crescimento da onda de temores, violência e crimes no País.
1964	F. Duvalier se proclama presidente vitalício.	Interdição em qualquer tipo de organização, movimentos etc.
1971	Morte de François Duvalier, proclamação imediata do seu filho Jean Claude Duvalier “Baby Doc” como sucessor, com 19 anos, como presidente vitalício.	A intensificação da ditadura do regime duvalierista .
1986	Fim da ditadura	Jean- Claude “Baby Doc” Duvalier é obrigado a deixar o poder e abandonar o país. Foi exilado na França.

Fonte: ROCHA (1995)

Na tabela acima, de acordo com as datas, acontecimentos e consequências mencionadas, percebemos uma série de rupturas do ponto de vista político. Assim, podemos chegar a compressão de que o país nunca teve uma projeto político nacional amadurecido capaz de levá-lo rumo ao desenvolvimento. As inúmeras rupturas causadas por revoltas e golpes de estado fizeram com que o país retrocedesse. Em verdade, na maioria das vezes, os projetos políticos desses governantes sempre visavam ao interesse pessoal ou ao de um partido político, e não ao interesse da população; por isso, desde a abolição da escravidão até hoje o Haiti já sofreu ou passou por trinta e três golpes de estado. Dessa forma, entendemos por que o Haiti é o que ele é hoje.



Fig.1. As imagens dos fundadores da Pátria da República do Haiti feitas por um pintor local.

Fonte: <http://haitimwen.skyrock.com/2742913734-Haiti-206ieme-anniversaire-d-independance.html>

Temos acima, à esquerda, Toussaint Louverture, à direita Alexandre Petion, abaixo, à esquerda, Jean Jacques Dessalines e à direita Henri Christophe. Esses quatro nomes marcam significativamente a história do povo haitiano, por isso as imagens deles são cunhadas nas moedas até hoje.

Daremos continuidade às datas marcantes da história do País. Em 1986, houve a queda do ditador *Jean Claude Duvalier*, cujo momento vivenciou embora fosse criança. Foi um evento muito marcante na minha vida, porque eu escutava meus pais comentando que agora as coisas iriam mudar para sempre. Sentia no sorriso das pessoas que a árvore da esperança estava brotando de novo. Em seguida, uma junta militar foi formada para substituir o ditador deposto, chefiada pelo tenente-general *Henri Namphy*, chefe do Exército daquela época (ROCHA, 1995).

De acordo *Laënnec Hurbon* (1993), está na hora de perguntar: por que o Haiti se mostrou exemplar no início? Primeira revolta vitoriosa de escravos em 1791, e logo após a revolução francesa, primeira república negra independente

do Terceiro Mundo (1804). O Haiti passou a ser, de fato, o farol dos povos dominados pelas grandes potências ocidentais daquela época,

depois de haver prometido, inclusive, apoiar ativamente a independência da Grécia [fatos nunca revelados pela história]. Da mesma forma, foi no Haiti onde Simão Bolívar encontrou o mais firme apoio na luta pela emancipação dos povos latino-americanos” (HURBON, 1933, p.11).

Essa colocação leva a pensar por que o Haiti encontra-se nesse verdadeiro colapso para o qual parece, às vezes, não haver nenhuma saída. Se a história do país mostra que, no início, o povo lutava para conquistar sua soberania, acreditamos que seria bom rever todas aquelas práticas que transformaram o Haiti num país livre, principalmente neste momento pelo qual o país está atravessando, com serias dificuldades. Entretanto, não devemos salientar somente as dificuldades do país, mas também a necessidade de entender como está a atual estrutura do poder no Haiti.

Se o Haiti é considerado um “Estado Nacional”, de acordo com sua própria constituição, para Aníbal Quijano (2005) há uma certa ambiguidade quanto ao termo “Estado nação”; para ele, trata-se de uma sociedade nacionalizada. Então, deve ser:

[...] politicamente organizada como um Estado-nação. Implica as instituições modernas de cidadania e democracia política. Ou seja, implica uma certa democracia, dado que cada processo conhecido de nacionalização da sociedade nos tempos modernos ocorreu somente através de uma relativa (ou seja, dentro dos limites do capitalismo) mas importante e real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão das instituições políticas. Deste modo, a cidadania pode chegar a servir como igualdade legal, civil e política para pessoas socialmente desiguais (QUIJANO, 2005, p.18).

O autor não chega a situar o Haiti neste patamar e o considera como uma “sociedade nacionalizada”. Entretanto, a Educadora Maria Eduarda V.M dos Santos (2005) vai além da reflexão de Quijano, e mostra como “as novas escalas de tempo e de espaço e a crescente perda de poder do Estado-Nação dificultam a definição de uma nova cidadania”. Com isso, ela destaca:

Múltiplos riscos em nível global (ambientais e políticos) e a incapacidade crescente dos Estados para manterem problemas globais e locais, problematizam a relação estrita cidadania/Estado e avolumam a incapacidade crescente dos Estados para tratarem os problemas locais e globais. “O

Estado-nação, ao definir o domínio, os procedimentos e o objeto da cidadania, perdeu boa parte do seu poder, abalado pela dinâmica dos fluxos globais e pelas redes de riqueza, informação e poder transorganizacionais” (CASTELLS, 2003 apud SANTOS dos, 2005, p. 49).

De outro modo, ela salienta que “um Estado-nação é uma espécie de sociedade individualizada entre as demais; por isso, entre seus membros, pode ser sentida uma identidade”. Tal conceito levamos a pensar se realmente o Haiti chegou a construir um “Estado Nacional”, propriamente dito. Como explica Quijano, deve haver a democracia política, e não nepotismo político, “real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão das instituições políticas” (QUIJANO, 2005).

De acordo com Quijano:

toda sociedade é uma estrutura de poder. É o poder aquilo que articula formas de existência social dispersas e diversas numa totalidade única, uma sociedade. Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais. Consequentemente, todo Estado-nação possível é uma estrutura de poder, do mesmo modo que é produto do poder (QUIJANO, 2005, p.29).

Dessa forma, parecemos, no caso do Haiti, ser essa estrutura do poder de fato a dominação de um pequeno grupo sobre os demais. Sem cair no exagero, a questão do nepotismo é muito presente na política haitiana e sabemos: onde há nepotismo, é difícil haver, concomitantemente, justiça.

Em 29 de março de 1987, uma nova Constituição foi aprovada pelo Parlamento. No decorrer do mesmo ano, em 29 de novembro, aconteceram dezenas de massacres de eleitores os quais buscavam seus direitos como cidadãos. Esses embates resultaram no cancelamento das eleições. Logo, em 7 de fevereiro do ano seguinte, foi escolhido o novo presidente *Leslie François Manigat*⁸, rigidamente controlado pelo Exército; em junho desse mesmo ano, ele foi derrubado pelo Exército, comandado pelo general *Henry Nanphy*. Em 11 de setembro do mesmo ano, a Igreja de São João Bosco, cujo vigário era o Padre *Jean Bertrand Aristide*, foi incendiada pelos guarda-costas de

⁸Professor muito prestigiado na “l'Université de Paris VIII-Vincennes Sorbonne,”(Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Leslie_Manigat).

*H.Nanphy*⁹. Em 17 de setembro, ele foi derrubado por soldados rebeldes e substituído pelo general *Prosper Avril*, ex-assessor da família Duvalier.

1989- 17 de setembro: no dia em que Prosper Avril completou um ano no poder, duas organizações de direitos humanos, a America's Watch e a Coalizão Nacional pelos Refugiados Haitianos, ambas com sede em New York, lançam um relatório detalhado das violações dos direitos humanos praticadas pelo general Prosper Avril. Acusam-no de querer instaurar uma "ditadura irreversível" no Haiti.

1990- 10 de março: Prosper Avril é obrigado a deixar o poder, após protestos da multidão. O brigadeiro-general Hérard Abrahams, chefe-em-exercício do Estado-Maior, é indicado sucessor, para entregar o poder após um governo inteiro. 13 de março: Ertha Pascal-Trouillot, juíza da Corte Suprema, assume o poder, com um conselho de Estado de 19 membros (ROCHA, 1995, p.28).

Conforme Guilherme S. Rocha (1995), foram realizadas as primeiras eleições presidenciais livres e democráticas no país em dezembro de 1990, sob a observação das comunidades internacionais como OEA, ONU e CARICOM. Um dos candidatos mais fortes naquela época era ex-padre Jean B. Aristide. Ele foi, pela primeira vez na história do Haiti, democraticamente eleito com 67% dos votos, e no dia 07 de fevereiro de 1991, tomou posse como novo presidente da República (ROCHA, p.28-29).

Durante os sete meses do Governo de *J.B Aristide* houve alguns progressos desde o ponto de vista geral, mas muito pouco para um país totalmente fragmentado, destruído em todos os sentidos. Tal conjuntura adversa de fato restringe a melhoria das condições de vida dos haitianos. Na verdade, "era só a sensação – e não a realidade de acesso à cidadania e à soberania que representou um potencial que poderia ter-se convertido na alavanca para avançar na construção de uma nação integrada" (CASTOR, 2008).

[...] 30 de setembro: o presidente *Aristide* é derrubado por um golpe militar, comandado pelo general Raoul Cedras. 8 de outubro: os militares nomeiam Jean Nerette como presidente provisório. Em 1993 3 de julho: *Aristide* e o líder do golpe militar assinam acordo provisório pelos Estados Unidos, com a intermediação de Dante Caputo, em nome da ONU, prevendo o retorno do presidente e a renúncia de Raoul Cedras. 19 de outubro: começa o embargo de armas, petróleo e suprimentos militares autorizado pela ONU. 30 de outubro: termina o prazo previsto para a renúncia de *Raoul Cedras*, que não sai.

⁹ Seu regime foi apelidado de "Duvalierismo sem Duvalier."

Aristide, exilado nos Estados Unidos, não pode voltar (ROCHA, 1995, p.29).

Foi uma época cujos fatos presenciei, portanto foi o momento mais angustiante que passei na minha existência. Imaginemos um povo que passou praticamente toda sua história em constante instabilidade política, social e econômica, e com a chegada do presidente *J.B Aristide* em 1991, começa a saborear um pouco o que pode ser chamada de verdadeira “democracia”. Mas essa expectativa foi destruída de uma forma brusca e violenta, que desespero! A partir daí, houve um período de repressão intenso dos militares em relação à população. Muitas pessoas desaparecidas, torturadas, massacradas, principalmente os simpatizantes do presidente deposto, que exigiam e reclamavam a volta do seu líder ao poder.

1994 6 de maio: a ONU aprova sanções comerciais mais rígidas. 8 de maio: Clinton anuncia que os Estados Unidos deixarão de repatriar refugiados, sem ouvir seus pedidos de asilo. 1 de maio: militares nomeiam o juiz do Supremo Tribunal, Émile Jonassaint, como presidente provisório. 21 de maio: entra em vigor embargo mais rígido apoiado pela ONU. 5 de julho: os Estados Unidos proíbem a entrada de refugiados no país. 31 de julho: o Conselho de Segurança da ONU decide, por 12 votos a 0, com duas abstenções, autorizar o uso de força para invadir o Haiti. 15 de setembro: na televisão, o presidente Clinton explica seus motivos para a invasão e dá ultimato aos líderes golpistas haitianos, rechaçado por Raoul Cedras. 16 de setembro: Raoul Cedras aceita debater sua saída do poder com uma delegação dos Estados Unidos, chefiada pelo ex-presidente norte-americano Jimmy Carter. 18 de setembro: a junta militar concorda em deixar o poder até o dia 15 de outubro. 19 de setembro: tropas norte-americanas ocupam o Haiti. 15 de outubro: o presidente Aristide retorna ao país (ROCHA, 1995, p.29).

Em outubro do ano 1994, o governo de *Jean B. Aristide* foi reestabelecido e o regime golpista militar foi desmantelado por uma força multinacional. Então chega a vez de fazer justiça para as vítimas. Formou-se uma Comissão de Verdade e Justiça composta por especialistas que investigavam os crimes cometidos por causas políticas. O governo apoiou fortemente o *Bureau des Avocats Internationaux* (BAI), Escritório dos Advogados Internacionais, dirigido por advogados haitianos e estrangeiros

representantes dessas vítimas. O governo de *J.B Aristide* permaneceu no poder até a próxima eleição presidencial de 1996.

[...] O restabelecimento no poder J.B Aristide e da *Fanmi Lavalas* (outubro de 1994- fevereiro de 2004). O retorno do “sacerdote dos pobres” traz novas ilusões e oportunidades, mas também rupturas, derivas e perversões. A dissolução de fato do exército constituiu um dos avanços significativos dessa etapa. Contudo, os conteúdos populistas do discurso presidencial e a ausência de projeto afetaram a legitimidade do regime. Ao pretender colocar o aparato do Estado ao serviço de um homem, o governo desembocou na reprodução de todos os velhos esquemas do passado: abusos de poder, corrupção, clientelismo, autoritarismo, e acentuou as deformações ou [debilidades] econômicas e sociais do sistema. A desinstitucionalização rompeu todos os aços de esforço no seio da sociedade e do poder, e conduziu a uma desagregação social crescente, a uma situação socioeconômica cada vez mais deteriorada e à desarticulação da sociedade. Assistiu-se à incapacidade de gestão do poder Lavalas, Jean Bertrand Aristide-René Préval-Jean Bertrand Aristide, com um jogo de alianças cada vez mais reduzido, uma diminuição crescente da capacidade de mobilização uma perversão sistemática de grandes setores antes entusiastas. Isto teve graves conseqüências que refletiram na desilusão e no desespero de amplas camadas da população (CASTOR, 2008, p.04).¹⁰

O aporte de *Suzy Castor* revela-se fundamental para entendermos esse período (1994-2004). De fato, nesse intervalo de tempo a população, principalmente os simpatizantes do partido *Fanmi Lavalas*, passou por vários momentos, ou seja, a volta do *J.B Aristide* trouxe novas esperanças de um lado, mas de outro, desilusões. Um dos motivos foi a monopolização do aparato do Estado; era uma verdadeira decepção pela incapacidade da gestão do regime *Lavalas*.

Bem como destaca Aníbal Quijano (2005), realmente o Haiti fora um exemplo onde aconteceu uma “revolução nacional, social e racial”. Isso, de certa forma, resulta do fato de o país ser quase hegemonicamente negro.

O Haiti foi um caso excepcional onde se produziu, no mesmo movimento histórico, uma revolução nacional, social e racial. Quer dizer, uma descolonização real e global do poder. Sua derrota produziu-se pelas repetidas intervenções militares por

¹⁰ Tradução nossa.

parte dos Estados Unidos. O outro processo nacional na América Latina, no Vice-reino do Peru, liderado por Tupac Amaru II em 1780, foi derrotado cedo. Desde então, em todas as demais colônias ibéricas, os grupos dominantes tiveram êxito precisamente em evitar a descolonização da sociedade enquanto lutavam por Estados independentes (QUIJANO, 2005, p.24).

Na verdade, esse processo “Estado nação”, sob nossa ótica, não chegou a se consolidar no Haiti talvez por não haver um “projeto nacional”, ou seja, não bastava a abolição da escravidão. Faltou o que poderia se chamar de reorganização em todos os aspectos depois dessa “revolução nacional”, conforme Quijano. Por isso, as invasões dos Estados Unidos foram tão inevitáveis. Concordamos plenamente com o autor na sua afirmação, quando enfatiza: “Mas ainda em nenhum país latino-americano é possível encontrar uma sociedade plenamente nacionalizada, tampouco um genuíno Estado-nação” (Quijano, 2005,p.17).

Diante desse contexto, a imagem do Haiti aparece sempre no cenário internacional como um país pobre, violento, com guerras constantes, sem serem esclarecidos os verdadeiros problemas. Recordamos Quijano na sua passagem sobre “Eurocentrismo e experiência histórica na América Latina”. Referimo-nos, em relação ao Haiti:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005, p.18).

Na verdade, o Haiti precisa, antes de tudo, de um processo de descolonização do poder político e de relações sociais entre os grupos dominante e dominado.

A aliança de *J.B Aristide* e *René Préval* dividiu o domínio do Estado haitiano, e *René Préval* assumiu a presidência do país de 1996 a 2001. Hoje, é atual presidente do Haiti, eleito em fevereiro de 2006. Entretanto, com a retirada do poder de *J.B Aristide* em 29 de fevereiro de 2004, esse político teve seus dois mandatos interrompidos.

Porém, em 01 de junho do mesmo ano, conforme o *Didier Dominique*

(2008), diante do caos produzido pelo terrorismo econômico, as autoridades haitianas se mostram incapazes de “manter a ordem” no país. A situação se mostra cada vez mais caótica e insustentável, com mais de 70% da população sem emprego e com fome. A ONU, nessa ocasião, enviou a Minustah- Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, chefiada por tropas brasileiras.

1.3 O Haiti esquecido há muito tempo e ressurgindo no cenário internacional por força de uma catástrofe natural – um terremoto

O fim da tarde, às 16h, horário local, do dia 12 de Janeiro de 2010 marcará para sempre a história do Haiti. Foi neste dia que a capital haitiana – *Port-au-Prince* - foi devastada por um terremoto de 7.3 graus na escala Richter. O terremoto de 10 segundos foi suficiente para destruir o Palácio Nacional, sede do governo, os prédios dos ministérios, escolas, universidades, hospitais e, principalmente, residências da população, que se transformaram num verdadeiro entulho. O terremoto foi o maior desastre natural registrado na história do país.

O tremor com força de trinta bombas atômicas foi suficiente para acabar com a vida de 300 mil a 500 mil pessoas, e mais um 1.5 milhões foram afetadas. O país costumava sofrer com furacões, mas nunca presenciou o tamanho de uma tragédia como aquela. O terremoto deixou à deriva as esperanças de um povo que, aos poucos, estava tentando reerguer-se. Essa tragédia deixou a população haitiana isolada, sem luz elétrica, sem comunicação, foi um verdadeiro colapso (THOMAZ, 2010).



Fig.2 Imagem do Palácio Nacional - sede do Governo Haitiano- antes do terremoto
Fonte: bielleite.wordpress.com



Fig. 3. Imagem do Palácio Nacional - sede do Governo Haitiano depois do terremoto
Fonte: noticias.r7.com

Analizamos o relato de um pesquisador, prof. Omar Ribeiro Thomaz, (2010), após três semanas da catástrofe no Haiti, a qual presenciou. A maneira como ele relatou a situação do povo naquele momento de desespero pode nos

levar a compreender a presença do Minustah no Haiti. Parece-nos o depoimento mais próximo, para não dizer verdadeiro, das queixas dos meus conterrâneos haitianos em relação à presença dos militares estrangeiros no país:

[...] Não é meu interesse aqui fazer qualquer discussão que tenha como eixo uma crítica ou um elogio da presença brasileira no Haiti. Não pretendo engrossar o caldo dos que gritam "fora as tropas brasileiras do Haiti", nem daqueles que defendem razões humanitárias para a sua presença. O Brasil já participou de outras missões das Nações Unidas, esta não é a primeira, e o impacto da presença de nossas tropas neste país não encontra eco para além de nossas próprias fronteiras. O fato de que o aparato militar da missão seja liderado pelo exército brasileiro é, do ponto de vista daqueles que quero privilegiar aqui, irrelevante. Para a esmagadora maioria dos haitianos, não há nenhuma marca especial: se trata apenas de mais uma missão internacional, como outras que passaram por este país nos últimos dezessete anos. No caso da Minustah - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti -, para além de tropas do Brasil, há tropas de Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Guatemala, Índia, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Coréia do Sul, Sri Lanka e Uruguai. Nas ruas de Porto Príncipe e de outras cidades do Haiti, e embora a cidade e o país estejam loteados entre tropas de distintas nacionalidades, nem sempre é fácil identificar a procedência nacional do batalhão - há apenas uma pequena bandeira no uniforme do soldado, e o que se impõe, nos veículos, é a sigla "U. N.". A presença específica brasileira no Haiti é, enfim, algo para consumo interno dos brasileiros (THOMAZ, 2010, p.02).

Como o pesquisador Thomaz ressaltou, mesmo que o Brasil esteja liderando a intervenção das tropas estrangeiras no Haiti, para a maioria dos haitianos a presença dos militares estrangeiros representa mais um período de ocupação do país caribenho, como aconteceu em outras épocas, ou seja, os impactos de outras intervenções militares estrangeiras sofridas pelo povo haitiano, em nome de colaboração internacional, sempre deixa muito a desejar, são vistos com desagrado e desconfiança.

Salientamos o que o professor Thomaz observou dias após o terremoto, caminhando nas ruas da capital haitiana do *Port-au-Prince*:

[...] O mundo ruiu a nossa volta. Nem bem o primeiro e mais forte tremor acabara, as pessoas já erguiam as mãos aos céus e clamavam por *Jezi* (Jesus) e *Bondiè* (Deus); outras, poucas, entraram em transe a poucos metros de distância de nós. A consciência da violência do sismo foi imediata. Uma imensa

nuvem de poeira nos jogou numa névoa impenetrável, explosões se sucediam e não longe de onde estávamos a chama de um posto de gasolina se adivinhava em meio ao pó. Pessoas feridas, queimadas, descabeladas, enlouquecidas surgiam no nevoeiro. Alguém se aproximou e nos disse que o hospital uma quadra acima ruíra. A noite aproximava-se, e percebemos a impossibilidade de retornar a casa de carro: casas, muros, postes haviam caído e as estreitas ruas de Porto Príncipe estavam obstruídas. Automóveis haviam sido abandonados, outros estavam sob escombros, alguns *tap taps* (*espécie de transporte coletivo no Haiti*) tentavam circular apinhados de mortos e feridos. Começamos a caminhar. Não víamos nem ouvíamos ambulâncias ou carros de polícia ou bombeiros. Víamos um misto de dor e estupor, e os feridos já começavam a ser dispostos pelas calçadas, assim como cadáveres. Estavam mortos, e alguns pareciam que dormiam. Minha tentação era a de tentar acordá-los, mas sabia que estavam mortos (THOMAZ, 2010, p.02).

Podemos imaginar uma situação angustiante como essa, olhando para as vítimas e a enorme vontade de ajudar quem realmente necessita de auxílio. Mas o que chama atenção, de acordo com o relato do professor Thomaz, é a principal área de lazer da população da capital haitiana transformando-se em um verdadeiro campo de concentração:

[...] O Champs-de-Mars (a praça principal do *Port-au-Prince*) fora transformado num imenso campo de refugiados. Mas transformado pela população que se organizara, improvisara tendas e barracas. Grupos de homens se organizavam em brigadas, escoteiros impecáveis transitavam ajudando os feridos, jovens vestidos com camisetas da mesma cor trabalhavam nos escombros e coletavam lixo. Caminhões pipa distribuíam água gratuita para uma população organizada em filas. Tratava-se de uma iniciativa de empresários haitianos. Não há nenhuma presença nem da ONU, nem de nenhuma organização internacional. Os brancos desapareceram da cidade. Somos os únicos brancos, para além de alguns carros que passavam a toda velocidade com alguns jornalistas e fotógrafos. Estes profissionais desciam diante do Palácio Nacional, tiravam algumas fotos, e voltavam a subir; paravam diante das pilhas de mortos, e das janelas dos carros faziam suas fotos (THOMAZ, 2010, p.04).

A citação acima explica com clareza a falta de compromisso da Minustah em relação ao povo haitiano. Entretanto, por que é importante questionar a presença das tropas estrangeiras no solo do Haiti? Será que é para ajudar, se no momento em que o povo haitiano mais precisava, essas não compareceram? Acreditamos que está na hora de compreendermos o motivo

pelo qual o povo haitiano está sempre contra a presença das tropas estrangeiras no seu país.



Fig. 4. A principal praça da capital haitiana “*Champs de Mars*” virou campo de refugiados

Fonte: g1.globo.com

Para encerrar o depoimento do Thomaz, faz-se mister salientarmos este trecho que julgamos pertinente para mostrar a solidariedade do povo haitiano, mesmo no momento de desespero:

[...] Nas calçadas que cercavam a grande praça, havia corpos cobertos à espera de serem recolhidos. Alguns corpos tinham uma placa dizendo nome e procedência, na esperança de que alguém avisasse a família. Vimos uma fileira de cadáveres infantis, os pequenos corpos embrulhados em plástico. O único caminhão que passou recolhendo os corpos, capaz de dar conta de uma fração mínima dos cadáveres, era da prefeitura de Porto Príncipe. Os corpos foram dispostos, os vivos esperavam. Nos edifícios caídos, vimos corpos pendurados, mutilados. Sobre uma escola de meninas, vimos dezenas de corpos, todas com seu uniforme. Como tirar os corpos lá de cima? Jovens caminhavam para cima e para baixo com o rosto coberto por um lenço, trabalhando nos escombros, sem luvas, sem nada - uma cena que se repetiria nas semanas seguintes. Para além do cheiro nauseabundo de morte, o que se respirava não era violência e desordem, mas resignação e civismo (THOMAZ, 2010, p.04).

Mais uma vez, a citação de Thomaz mostra a solidariedade da população haitiana frente a uma cena desesperadora. É lamentável e triste olharmos a imagem abaixo, com uma grande quantidade de cadáveres atirados nas ruas da capital haitiana, ao ar livre. Isso, faz-nos questionar, mais uma vez, o verdadeiro significado da presença das tropas estrangeiras no Haiti. É importante salientarmos que esse não é o foco principal desta Dissertação, mas faz sentido questionar a relevância dessas tropas. Inclusive nos últimos tempos, ocorreram várias manifestações na capital haitiana exigindo a saída das mesmas. Na verdade, não encontramos em nenhum dos trechos do depoimento de Thomaz a presença da Minustah para ajudar o povo do Haiti durante os primeiros dias depois do terremoto. De acordo com ele, a preocupação principal das tropas da ONU era resgatar os colegas que estavam hospedados nos hotéis de luxo na capital haitiana. Acima de tudo, é importante perguntar o sentido de solidariedade em um momento de suma importância como esta.

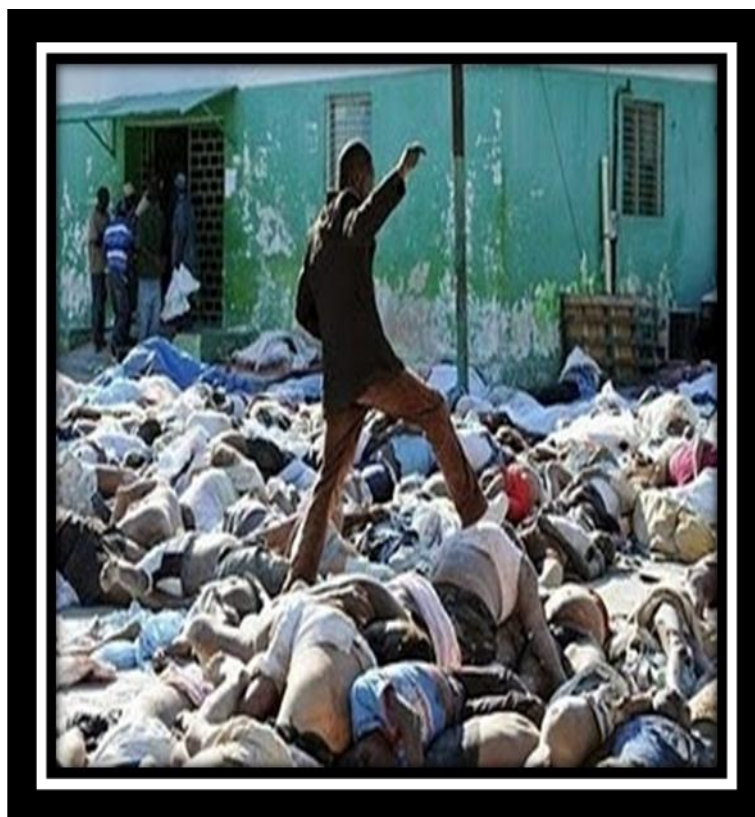


Fig. 5. Parece pedras no meio da rua, mas não, são cadáveres de seres humanos
Fonte: alexandreroque.com

1.4 É cooperação com as crianças órfãs pós-terremoto no Haiti ou tráfico humano?

Sabemos, diante de uma catástrofe como o terremoto no Haiti, ser difícil saber quem realmente está para ajudar, ou quem está se aproveitando de uma situação como essa para se beneficiar. É com esse intuito que colocamos esse subtítulo, “É cooperação com as crianças órfãs do terremoto no Haiti ou tráfico humano?”. Pode parecer “forte” essa frase, mas é assim, que nos sentimos diante dessa tragédia, com vontade de ajudar, mas as condições não nos permitem. Frente a uma imensa preocupação, deparamo-nos com informações como esta:

Dez americanos de uma organização religiosa, detidos e acusados de tráfico de crianças no Haiti, por tentar levar 33 crianças à República Dominicana, negaram as acusações e insistem que queriam apenas levá-las a um abrigo. Neste domingo, o Instituto Haitiano do Bem-Estar Social denunciou que a maioria destas crianças têm famílias que sobreviveram ao terremoto de 12 de janeiro. "Nós viemos ao Haiti para ajudar aqueles que realmente não tinham outra fonte de ajuda", disse Laura Silsby, membro do grupo de ajuda de Idaho, New Life Children's Refuge, à rede de TV CNN. "Nós acreditamos que a verdade vai ser revelada e estamos rezando por isso", completou. O grupo de cinco homens e cinco mulheres tentava levar as crianças para a República Dominicana depois do terremoto de magnitude 7 que devastou parte do país. A polícia haitiana informou que os americanos foram detidos sob a acusação de tráfico, depois de terem tentado deixar o país com o grupo de crianças haitianas, sem portar nenhum documento apropriado. Um juiz haitiano condenou os dez por tráfico de crianças.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u687397.shtml>.)

Sem dúvida, a desculpa não poderia ser outra, no caso da citação acima “em nome da ajuda”. Entretanto, para ajudar uma criança a sair legalmente de seu país, há trâmites legais a serem respeitados, ou seja, é preciso obedecer à lei de adoção do país. No caso do Haiti, as crianças não eram pequenos animais que estavam sendo transportados dentro de um ônibus, sem nenhuma documentação. Mesmo que fossem animais, precisariam de documento para o traslado. Enfim, diante de tantas crianças que se tornaram órfãs por causa dessa calamidade, torna-se cada vez mais fácil levá-las de sua terra natal em busca de uma melhor condição de vida, como a lei prevê. E não para fins escusos, como para a escravidão.

O Haiti, ao lado da Guatemala (A.C), são considerados o berço do tráfico humano no continente americano.

[...]Centenas de crianças foram adotadas legalmente, o que é bom. Mas um número elevado e desconhecido de crianças desapareceu. Um "negócio" que pode custar 10 mil dólares por bebê, calcula o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O Haiti é um país não signatário da Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, de 1993. O país com cerca de 250 mil crianças em trabalho escravo, segundo o governo, até agora não fez nada para mudar a situação (CASTRITIUS, 2010, p. 01).

O processo de adoção poderia ser mais rápido, mas no caso do Haiti, falta política pública a respeito desse assunto. É necessário fazer uma busca pelos pais da criança a ser adotada, e verificar a documentação, mas nesse país não é fácil, porque todos os órgãos públicos concentram-se na capital haitiana. Isso torna cada vez mais difícil a questão de documentação. Para se ter uma noção da centralidade dos serviços públicos no Haiti, para fazer uma Carteira de Identidade ou Passaporte, bem como outros documentos oficiais necessários para qualquer cidadão haitiano, só é possível realizá-los em *Port-au-Prince*. Dessa forma, constatamos a debilidade do Estado haitiano em oferecer o mínimo de serviço à população.



Fig. 6: Um bebe de sete meses que era transportado sem documentos pelo grupo Norte americanos detidos.
Fonte: Kim Sengupta



Fig.7: Dois senadores democratas promovem nos Estados Unidos a adoção dos órfãos haitianos.
Fonte: Soledad Vallejos

Encerramos este capítulo não com a intenção de fragmentá-lo - até porque abrange a parte histórica, geográfica e a catástrofe natural que dizimou a capital haitiana. Dessa forma, importa lembrarmos que os subcapítulos discutidos ao longo desse trabalho são de fundamental importância. Como consta no início deste estudo, o Haiti é considerado a primeira república negra independente, iniciada em 1792, com a luta dos ex-escravos que chegaram a proclamar a república em 1804, derrotando um contingente de mais 3.500 soldados membros do famoso Exército de Napoleão Bonaparte.

A ousadia dos ex-escravos custou muito caro ao expulsar os latifundiários franceses do solo haitiano. Em 1806 o Congresso Americano aplicou o embargo ao Haiti, proibindo o comércio bilateral entre os dois países, sem contar as inúmeras tentativas de retomada da ilha por parte dos franceses. De 1915 a 1934 os Estados Unidos invadiram o Haiti e ocuparam militarmente o país, chegando à conclusão que se essas ocupações fossem a solução, o Haiti seria o país mais rico do Continente Americano. Por isso, estamos cada vez mais convencidos de que não havia – e nem há - missão humanitária e/ou de paz no Haiti, mas sim, hermeneuticamente falando, outra forma de ocupação com outras variáveis.

Dessa forma, é decisivo questionarmos o papel dos militares. A ONU não deveria ter enviado um contingente de engenheiros, educadores, agrônomos, médicos, psicólogos, enfim, profissionais em todas as áreas de conhecimentos, já que essa “Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti-Minustah” que se instalou no país desde junho de 2004 representa um gasto de ½ bilhoes de dólares por ano? O Haiti, com certeza, iria encarar a maior tragédia de sua história em condições bem melhores se os milhões gastos com as tropas brasileiras fossem, desde o começo, destinados para educação, transporte, saúde e saneamento básico, entre outras áreas propiciadoras do bem-estar da comunidade.

No próximo capítulo, mostraremos como existe uma grande relação entre a natureza e a religião vodu.

CAPITULO II

2. A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A RELIGIÃO VODU

2.1 Em busca de uma aproximação do conceito “natureza/meio ambiente”

a) Natureza - Para situar, no dicionário de *Ética e Moral de Monique Canto-Sperber*, aparece esse conceito da seguinte forma: “*Natureza e naturalismo*: por natureza, entende-se o conjunto de tudo o que existe, o mundo, o universo, mas igualmente o que singulariza algo existente, seu princípio ou sua essência” (2007, p. 223).

De ponto de vista filosófico, quando se refere à “essência” de uma coisa, isto é, à propriedade imutável da mesma, evidencia-se a extrema dificuldade do contato entre o espírito e as coisas. Isso acontece devido ao incrível desprezo pelo objetivismo, ou seja, a natureza não dever ser visto como um simples objeto; portanto, o uso dos valores morais e éticos são necessários para que possamos ter uma visão diferente a seu respeito. Assim, a natureza nunca pode ser definida e compreendida como um sistema fechado; por isso, faça-se sentido entendê-la desta forma:

A natureza está então ao lado do vivente, do que é susceptível de reprodução e corrupção: o instável. Ao mesmo tempo, a natureza é o que se mantém, o permanente, o estável, ao lado do ser ou da ordem. Esta polissemia se reforça quando se passa do descritivo ao normativo, do registro da verdade àquele do bem e do belo. Sob a dominação de *naturalismo* trata-se aqui desta valorização moral da natureza, que quer ser imitada ou seguida. Então, não se trata do *naturalismo* ligado à tese criticada por Moore na *Ethica II*, segundo a qual os predicados morais se refere a propriedade empírica. Atribuir à natureza uma significação moral seria enganosamente com a polissemia do termo? Esta é a tese defendida pela modernidade, que separou a natureza e a moralidade, instrumentalizando a natureza e fazendo o homem a única fonte de valor, devolvendo assim a antiga prescrição de *seguir a natureza* à confusão pré-científica entre causas eficientes e causas finais. Certos contemporâneos, entretanto, colocam em dúvida a adequação moderna entre humanidade e moralidade, de onde a natureza seria excluída, e fazem da natureza objeto de uma preocupação ética, despertando assim o interesse por um naturalismo que a modernidade havia declarado como ultrapassado. (CANTO-SPERBER, 2007, p. 223)

Na citação acima, percebemos que pode haver uma certa ambiguidade, visto que o autor salienta: “a natureza é o que se mantém, o permanente, o estável, ao lado do ser ou da ordem”. Porém, se um objeto é sujeito à ordem, não pode ser estável; dessa forma, é manipulável. E essa manipulação, notamos, está a serviço de uma minoria, os neoliberais. Diante disso, o projeto defendido pela modernidade mostra claramente a separação do homem em relação à natureza. Ela não é mais o centro onde se pensa tudo, como antigamente.

Diz ainda o autor que tanto o naturalismo recente quanto o antigo se preocuparam com a questão da natureza, por isso fez o apelo ao ser humano como ser racional e moral e o colocou diante da fragilidade da natureza, restringindo a intervenção do homem, ressaltando “qual natureza que devemos conservar, proteger ou transmitir”. A questão não é a aceitação ou rejeição do naturalismo, mas sim analisar as diversas formas de imaginar analogicamente a natureza e moralidade. Há três modos fundamentais para entender a natureza: “observar, experimentar e respeitar” (idem, p.224).

Neste sentido, se para o autor são fundamentais três aspectos para compreender a natureza, acreditamos ser importante, antes de tudo, perguntar quem tem direito a “observar, experimentar e respeitar” essa natureza? E de que forma está sendo experimentada, por que e para quem?

Por sua vez, H. Calloni, numa perspectiva filosófica, mostra como Freire, na Pedagogia do Oprimido, se apropria da idéia de natureza/mundo:

A natureza emerge como conceito de mundo no sentido de mundo físico (*physis*): o mundo dos fenômenos cósmicos, objetivo, ainda que o educador não tenha se preocupado demasiadamente em uma demonstração positiva da ontologia *physis*, ou seja, ainda que em seus escritos não compareça uma problematização da natureza em si mesma. A noção da Natureza comparece em seus textos sugerindo uma tácita autoridade de onde emerge a Cultura, quer dizer, como pura, e imediatidade. Como *epifania*. Mas isso não significa que Freire não se preocupa com a natureza no seu aparecer imediato. Longe disso, toda a sua reflexão como educador e filósofo consagra-se ao desvelo pelo estudo metódico dos fenômenos naturais e sociais uma importância crucial, naquilo mesmo que denominou curiosidade epistemológica (CALLONI, 2008, p. 289).

Diante disso, será interessante observarmos a relação de duas naturezas presentes na visão de Freire, de acordo com Calloni: tanto o mundo físico, como o contato direto do homem com a natureza realiza-se pela própria cultura. Enfim, “Como cultura, o homem passará a representar o mundo através de sua (humana) intervenção e transformação, moldá-lo à sua maneira de ser e estar na e com a natureza” (idem, p. 290).

Na Filosofia da Natureza, Michele Federico Sciacca (1968) se refere à visão hegeliana para explicar a natureza, isto é, a natureza para Hegel consiste numa abstração. Mas antes disso, importa ressaltar que Hegel¹¹ pertencia a uma geração de europeus que idolatrava a Grécia Antiga em todos seus aspectos, por isso a forma como ele percebe a natureza está comprometida por um dualismo que, a longo prazo, fragmentou-se:

A Natureza é um momento do devir do Absoluto e precisamente o momento de não ser si mesmo. Considerada na Idéia, a Natureza é divina; no mundo em que está, não-ser, negação, a queda da própria Idéia: todas as obras da Natureza são inferiores à última manifestação do espírito. Como momento absoluto, também a Natureza é desenvolvimento dialético triádico da tese, da antítese e da síntese. Hegel sobre este esquema constrói aprioristicamente o processo da Natureza: construção arbitrária e artificiosa. Ele distingue três (3) estágios, dos quais nos interessa o último: da mecânica, da física e do orgânico, também divididos em três momentos: da natureza geológica, da natureza vegetal e do organismo animal (SCIACCA, 1968, p.39).

Parece-nos que no parágrafo acima reside um problema de relação entre o espírito do homem e o espírito divino a respeito à natureza. Mas não pretendemos definir o que é espírito do homem e espírito divino. Entretanto, se “todas as obras da Natureza são inferiores à última manifestação do espírito” como está posto na citação, a natureza não é real, ou seja, nada na natureza se ajusta plenamente e completamente as nossas descrições. Assim sendo, no próximo parágrafo, veremos como os outros teóricos mais recentes desvelam a tridimensão da natureza e a natureza das três.

Segundo Machado, no mundo capitalista quando “o operário se acomoda a seu universo externo, da natureza afetiva, por meio do seu labor,

¹¹ Filósofo alemão (1770-1831), sua concepção filosófica da moralidade, é apresentado por meio de uma crítica do moralismo, dirigido principalmente à filosofia prática de Kant.

acaba afastando-se dos meios de vida” (MARX, 2004, p.178. Apud MACHADO, 2009, p. 207). Dialeticamente falando, é um processo que ocorre quando o homem busca se adaptar à natureza e acaba criando sua própria divisão dela. É um processo que se apresenta em dois sentidos: o primeiro é “que o mundo exterior sensível deixa ser um elemento relativo ao seu trabalho, um intermediário de vida ao seu trabalho; e o segundo é que esse mesmo universo exterior sensível deixa de ser, cada vez mais, intermediário de vida no aspecto contíguo, meio para a estabilidade física do operário” (Idem, p.178). A respeito de tal seguimento, é assinalado como “estranhamento”; Marx salienta:

1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho é poderoso sobre ele. Esta relação é, ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com o ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele”. [...] [Haveria ainda], [XXIV] “uma terceira determinação do trabalho estranhado a extrair das duas vistas até aqui. O homem é um ser genérico (Gattungswesen), não somente quando prática e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também – e isto é somente uma outra expressão da mesma coisa - quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser universal, [e] por isso livre (MARX, 2004, p.180, Apud MACHADO, 2009, p. 207-208).

Dessa forma, Marx mostra a força vital e estranha que há no trabalho sobre o homem como fruto do seu trabalho, numa condição alienada. Salienta que desde a alienação integral não só com próprio trabalho, senão com sua própria existência, “a relação do homem com ele mesmo” como individuo, é de ser livre, não simplesmente no sentido de liberdade, mas no sentido de que o homem - como ser racional - seja capaz de se distanciar frente a qualquer realidade.

De acordo com Milton Santos, a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são conjuntos de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Por sua vez, aparecem as três concepções de natureza de forma implícita na escrita do autor, a natureza física o (ecossistema), a natureza humana propriamente dita e por ultimo, a natureza produzida/criada (SANTOS, 2002).

A questão que o autor levanta aqui “é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico e, de outro lado, verificar sistematicamente o papel do fenômeno técnico nas transformações do espaço geográfico, ou melhor, na natureza” (Idem, p.45).

Procuramos detalhar os caminhos trilhados pelos diversos teóricos e suas visões do conceito de *natureza* em seus diferentes aspectos. Entretanto, podemos dizer que a natureza em si está totalmente ligada às demais esferas (do trabalho, da economia, do social, da política, da cultura etc.). Assim, não se pode considerá-la como um sistema fechado. No entanto, para este trabalho afirmamos, em síntese, que a natureza é um conjunto de seres, coisas interligadas, e nada pode surgir por acaso. Assim sendo, no seu conjunto, ela nunca se encontra separada do destino do ser humano; a natureza é, em si mesma, uma grande semiologia¹², ou seja, a capacidade de interpretar, observar analisar e respeitar os fenômenos, os signos que ela apresenta. Entretanto, analisando as concepções diferentes quanto à natureza entre os autores acima referidos, reconhecemos as definições distintas de cada teórico e as consideramos uma contribuição importante a respeito desse conceito tão complexo. Entretanto, julgamos relevante salientar que a natureza não pode e não deve estar à mercê de uma minoria, mas sim a serviço de todos, e ela deve ser usada de forma equilibrada para que possamos garantir o bem-estar das futuras gerações.

¹² É a ciência geral dos signos, segundo Fernando de Saussure [v.saussiriano], que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistema de significação, i.e., se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, da linguagem, a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos. (**Fonte:** Novo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa, 2º Ed. p. 1567, 1997).

2.1.1 Tomando nas mãos os conceitos meio ambiente/natureza, na atualidade

O meio ambiente/natureza, nas últimas décadas, tornou-se o grande paradigma; está na pauta dos grandes debates nacionais e internacionais. No entanto, percebemos que o problema ambiental não pode ser pensado só globalmente, mas sim desde as premissas locais que colocam em questão a devastação planetária causada pela globalização neoliberal. Sem dúvida alguma, Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006), na sua monumental obra intitulada “A globalização da Natureza e a Natureza da Globalização” destaca, com muito rigor, os mecanismos selvagens “das políticas de racionalidade econômicas e neoliberais que têm levado à desnaturalização do próprio planeta”.

Para Ana Marina Martins de Lima “de acordo com a resolução da CONAMA: 306:2002, o Meio Ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Pode ser definida, segundo ela, como “a circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (LIMA, 2007, p.09).

[...] Apesar de se encontrar na Norma referência sobre a responsabilidade das organizações com o meio, muitas fábricas que possuem principalmente atividades ou processos danosos ao meio ambiente e que passam a sofrer restrições no seu país de origem devido às leis locais, acabam se transferindo ou mudando essa produção para outro país onde não haja impedimento ou lei específica. A maior parte destes países [provavelmente os mais pobres] está em desenvolvimento, e seus governantes, interessados na entrada de capital na sua economia, acabam submetendo a população aos riscos ambientais que são gerados. Isso está começando a mudar, com a conscientização de que tudo está interligado no planeta, e mesmo com a pressão de grupos ambientalistas e organizações internacionais que trabalham pela igualdade e respeito à vida. No Art. 225 da Constituição Federal [do Brasil] há a seguinte frase: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida impondo-se ao Poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. A sociedade como um todo é responsável pela preservação do meio ambiente, então, é preciso agir da melhor maneira possível para não modificá-lo

de forma negativa, pois isso terá consequências para a qualidade de vida da atual e das futuras gerações, entendendo que: “O meio ambiente concebido, inicialmente, como as condições físicas e químicas, juntamente com os ecossistemas do mundo natural, e que constitui o habitat do homem, também é, por outro lado, uma realidade com dimensão do tempo e espaço” (LIMA, 2007, p.10).

Na verdade, entendemos por meio ambiente/natureza um sistema dinâmico e complexo, resultante da interação entre os ecossistemas. Embora as definições anteriores dirijam para essa diferença reside aí a riqueza diversificada da meio ambiente/natureza; não se trata, portanto, de concordar com uma definição ou outra, mas sim, de compreender meio ambiente/natureza na sua totalidade; em relação a eles, nenhuma parte se encontra isolada. Neste caso, a cosmovisão do mundo possui um papel essencial nos significados e nas formas como estão sendo utilizados.

Dessa forma, há constante articulação entre meio ambiente/natureza, mas a pergunta a ser levantada é como os problemas a eles relacionados se defrontam ou se situam diante da questão política, econômica, ética e filosófica? E quais seriam os limites do ser humano com o meio ambiente/natureza? Passaremos a fazer uma análise sistemática a respeito dessa problemática nos próximos parágrafos.

2.1.2 O contexto mundial da natureza e do meio ambiente

Mostra-se pertinente, para além das definições, contextualizarmos os referidos conceitos (meio ambiente/natureza) e, conseqüentemente, as realidades no contexto local/global. Segundo Carlos Walter Porto-Gonçalves, ocorreram muitas mudanças climáticas significativas antes do século XVIII, mas somente foram registradas como fatos locais ou regionais. Então, muitos foram responsabilizadas pelo desaparecimento de algumas culturas, povos e civilizações (os Maias, na América Central, por exemplo). Entretanto, somente no início do século XVIII tais fenômenos começaram a ser reconhecidos como responsáveis por sérias implicações planetárias. Dessa forma, não há como pensarmos e refletirmos sobre fatos de forma isolada antes, “de toda a geopolítica mundial e suas assimétricas relações de poder” (PORTO-GONÇALVES, 2007, p. 327).

A geopolítica do desenvolvimento sustentável vê, com otimismo, a solução das contradições entre economia e ecologia ao propor, ainda, a reconservação da biodiversidade em coletores de gases de efeito estufa (principalmente dióxido de carbono), como o qual se exime de responsabilidades dos países industrializados pelos excedentes de suas cotas de emissões, enquanto se induz uma reconversão ecológica dos países do Terceiro Mundo (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.345).

Por sua vez, acreditamos na importância de ter uma visão global para orientar as ações locais. Por isso é necessário termos argumentos sólidos para desvelarmos o entendimento que nos foi imposto pela modernidade etnocêntrica, ou seja, a superioridade cultural europeia em relação às demais culturas, desprezando a diversidade cultural.

De acordo com o autor, na década de 80 um dos campos mais destacados foi a questão da "exploração florestal", duramente criticada pelos ambientalistas em relação ao "liberalismo mercantil enquanto ideologia". Apesar de os motivos terem sido vários e confinantes nas destruições florestais, o autor destaca dois elementos fundamentais:

(1) a elevação da diversidade biológica à condição de recurso estratégico;

(2) a preocupação construída em torno do aquecimento global.

Esses dois pontos contribuíram muito para que a proteção das florestas se tornasse uma questão de interesse global (Idem, p. 356). O autor destaca vários pontos que são cruciais para entender essa problemática e supostamente envolve a maioria dos países do Terceiro Mundo. Por isso, julgamos necessário destacarmos os referidos pontos para um melhor entendimento.

[...]No caso do setor florestal, desde 1993, várias organizações ambientais do Norte, como as indicadas, vêm fazendo aliança com o setor madeireiro e, até mesmo, com o setor siderúrgico, onde se consome muita madeira como carvão vegetal, na suposição que ganhariam todos, a saber:

1-os consumidores já não se sentiriam mais culpados em sua consciência ambiental por sua demanda crescente de produtos florestais;

2- as indústrias já não se sentiriam acusadas de ecocídio e se livrariam de boicotes dos consumidores;

- 3- as organizações ambientais que já não poderiam ser mais acusadas de ser contra o mercado e não terem “soluções viáveis”, do gênero “*desde que*”, como já assinalamos;
- 4- os países doadores não teriam mais que gastar dinheiro com o que chamam de governos incompetentes e corruptos e que não consegue barrar o desmatamento;
- 5- os países pobres, suas empresas e suas comunidades teriam, agora, um mercado internacional que reconheceria seus esforços de conservação e manejo florestal e, por suposto;
- 6- ganhariam as florestas e a biodiversidade do planeta (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.357).

Lembramos que a questão de exploração florestal é tão presente na maioria dos países do Terceiro Mundo, por exemplo, no caso do Haiti, o país mais pobre do Caribe, essa questão passa a ser um fator de extrema preocupação pela população local e na região. No entanto, notamos a ausência do Estado enquanto regulador dos recursos naturais, mais do que em qualquer outro setor. O Estado deixa de exercer seu papel e o país se transforma em uma verdadeira mina de *exploração de florestas*, mesmo com a presença de poucas reservas existentes no Haiti. É um tema muito importante para esta pesquisa, e pretendemos explorá-lo com profundidade no próximo capítulo.

Retomando Porto-Gonçalves, o autor ressalta que a distância entre “o capitalismo idealizado e o capitalismo existente” continua sendo grande e velada. Entretanto, acreditamos ser neste espaço que reside a ocultação da mão invisível do capitalismo, que se acelera cada vez mais em benefício de uma minoria e em detrimento da maioria que é sempre a mais afetada (Idem, 2007).

Na visão de Porto-Gonçalves, um dos fatores que vêm conduzindo o mundo é a *pegada ecológica*, uma forma de ilustrar, em hectares (ha), a extensão de território que uma pessoa ou uma sociedade “usa”, em média, para se sustentar. São cálculos feitos internacionalmente e reconhecidos para medir os impactos ambientais causadas pelas atividades humanas. Nesse sentido, a questão ambiental, sem dúvida, tem um papel fundamental enquanto “Moeda de Troca”. Entretanto, em tempos passados o sistema de troca existia, porém, recentemente, para os países desenvolvidos em relação aos países do Terceiro Mundo, a palavra “troca” tem uma dimensão muito diferente do que o antigamente. O autor mostra como:

O mecanismo de troca de dívida por natureza à época consistia em comprar títulos da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, no mercado, a preços baixos, até porque esses países mostravam enormes dificuldades em saldá-los, e trocá-los pelo valor de face na compra de áreas a serem destinadas à conservação ambiental nos países devedores. Assim, estabelece um sistema de culpa moral, onde um mesmo título tem dois valores, dependendo das condições do negociador: o mercado internacional não paga mais do que uma fração do valor de face do título da dívida externa que, entretanto, deve ser aceito pelo valor de face pelos países devedores, mediante a venda de áreas para preservação (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.373).

Sem dúvida, os países pobres não têm como saldar sua dívida externa como impõe o FMI; em relação aos países desenvolvidos, eles são sujeitos a qualquer tipo de exploração, qualquer tipo de negociação, e jamais estarão a favor dos países devedores. Estes, em parte, perdem sua autonomia para tomar decisões. A discussão desse autor revela-se muito importante para entender a questão da geopolítica mundial e principalmente, para os países do Terceiro Mundo ficarem cada vez mais atentos. Embora o problema não seja só desatenção, se sabe que muitas vezes o país não tem escolha.

Conforme o autor, a destruição dos recursos naturais e culturais não é novidade atual, isso tem ocorrido desde a constituição do “sistema mundo-moderno-colonial”. Ele destaca alguns acontecimentos reais ocorridos ao longo da história, por exemplo: “a devastação da grande parte da Mata Atlântica, onde estava localizado o pau-brasil, bem como o genocídio dos povos originários da América e África (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.397).

É importante registrar esse caráter planetário da devastação socioambiental desde o início do processo de formação do mundo moderno-colonial. Muito embora os efeitos mais imediatos dessa devastação tenham ficado restritos inicialmente às regiões coloniais, esses efeitos locais e regionais formam o resultado de ações globais das metrópoles europeias que, assim, estão implicadas, desde o início, nessas práticas devastadoras. Há, deste modo, uma dívida ecológica histórico que continua sendo atualizada na medida em que, ainda hoje, essa mesma estrutura moderno-colonial está presente na geopolítica do sistema-mundo que, assim, nos conforma. Tudo indica que para superar o desafio ambiental que daí decorre haveremos de agir e pensar local e globalmente e não agir localmente e pensar globalmente, como nos vêm recomendando (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.397).

Tais devastações deixaram marcas visíveis no sistema de não crescimento de alguns países da África e América. No Haiti, ex-colônia da França, está presente essa devastação e a “dívida ecológica histórica” que engloba o país até hoje.

Deste modo, consideramos relevante ressaltar que esses povos (América e África) possuem uma forte ligação “na questão ambiental que lhes permitiu articular seus interesses particulares aos interesses maiores da humanidade e do planeta, sobretudo, ao associarem a diversidade biológica à diversidade cultural” (Idem, p.397).

Assim, recordamos dos “Condenados da Terra”, uma das principais obras de Frantz Fanon, o clássico da descolonização, prefaciado por Jean Paul Sartre em 1961: “Não faz muito tempo, a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado”. A denúncia feita por F. Fanon contra o colonialismo enfatiza que o “centro” pensa, fala e escreve; a “periferia”, que consome e reproduz a palavra do centro, pode ser entendida como a “cultura do silêncio” (FANON, 1979, p.03). Gostaríamos de acrescentar o fato de o colonizador acabar introjetando o silêncio no colonizado explorado, e este acaba por reproduzir a própria palavra do centro, principalmente aquele que não consegue se distanciar frente à realidade. Assim, consideramos importante questionar o porquê desse silêncio. Será que não está na hora de rompermos esse silêncio e discutirmos e revermos a dívida ecológica e histórica dos países colonizadores do Haiti?

Com o dizer de Porto-Gonçalves sobre a questão “água”; talvez, sem querer cair no exagero, se não mudarmos nossos comportamentos em todos os sentidos, em benefício e conservação de alguns recursos naturais, no caso de escassez acelerada a água, no futuro, pode transformar-se em elemento de grandes disputas mundiais e, até mesmo ser a causa da terceira guerra mundial. Diante disso, em alguns países como o Haiti, ela se torna um elemento raro e precioso, porque a maioria da população haitiana não tem acesso à água potável. Veremos como o Walter Porto-Gonçalves se apropria dessa ideia:

A disputa pela apropriação e controle da água vem se acentuando nos últimos anos, mais precisamente, na segunda metade dos anos de 1990. Se tomarmos tanto *O Nosso Futuro Comum*, Relatório da Comissão Brundtland, assim como os diversos documentos e tratados saídos da Rio 92, inclusive a Agenda XXI e a Carta da Terra, para ficarmos com as referências mais importantes do campo ambiental nos últimos 20 anos, chega a ser surpreendente o tratamento extremamente tímido reservado à água, se comparamos com o destaque que vem merecendo na última década, a ponto de ser apontado como a razão maior das guerras futuras (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.413).

Conforme o autor, o problema da água não parece ser mais uma circunstância localizada, utilizada por oligarquias latifundiárias regionais ou por governantes populistas. Por isso:

Esses antigos protagonistas que durante tanto tempo manejaram a escassez da água, intermediando secas e bicas, estão sendo substituídos no controle e gestão desse recurso por novos e outros protagonistas. Entretanto, o mesmo *discurso da escassez* vem sendo brandido, acentuando a gravidade da questão, agora em escala global. O fato de agora se manipular um discurso com pretensões de cientificidade e invocação ao *uso racional dos recursos* por meio de uma gestão técnica nos dá, na verdade, indícios de quem são alguns dos novos protagonistas que estão se apresentando, no caso, os gestores com formação técnica e científica (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.414).

Por sua vez, embora três quartos do nosso planeta sejam cobertos de água, notamos a escassez desse recurso em certas regiões. Isso significa que precisamos intensificar cada vez mais as nossas preocupações no sentido de cuidá-la e dela fazer bom uso, senão poderemos comprometer a vida das futuras gerações. É importante dizermos que uma das características distintivas do ser homem dos demais seres vivos é fato de ele ser um ser pensante, capaz de tomar decisões. Como podemos observar, o título deste capítulo refere-se à “estreita relação entre a natureza a religião vodu”; dessa forma, era importante fazer uma retrospectiva em relação a alguns conceitos, como natureza e meio ambiente para que possamos nos aproximar e buscar uma definição da palavra religião e, principalmente, destacar o que há de vínculo entre a religião vodu e a natureza. Assim, nos próximos itens nos debruçaremos sobre a definição da religião, a fim de compreendermos o que

é “Vodu” na cultura haitiana, a relação do vodu com a natureza e, por último, a descrição de um culto do vodu ligado com os quatro elementos da natureza.

2.3 Em busca de uma definição da palavra “Religião”

Diante da complexidade da palavra “Religião”, os etnólogos e etnógrafos afirmam que o fenômeno religioso constitui-se num elemento universal; portanto, o vínculo do homem com o transcendente, seja de qual maneira se manifeste, é percebível em todos os povos do Planeta. Entretanto, a religião pode ser definida, de acordo com Ullmann (1983) como:

[...] Deixando de parte aspectos etimológicos da palavra, isto é, se “religio” provém de *religare*, *religari* ou *reeligere*, vamos à essência de seu significado. A religião pode ser definida como relação do humano ao fundamento de sua própria natureza, existência e sentido. Subjaz, evidentemente, a essa definição um pressuposto filosófico de que não carecem os primitivos. Constitui, a religião, um elo existencial com ser “estranho” ao mundo, um ser “santo”, um ser não apenas diferente mas, na maioria dos casos, “outro”. Dizemos não ser apenas diferente, porque, de fato, casos há em que seres humanos ou algo essencialmente humano são elevados à categoria de divindade. Isso ocorre, por exemplo, no manismo e no animismo. São seres diferentes dos mortais comuns, porém não são “outros”, em sentido ontológico (ULLMANN, 1983, p. 168).

Ao longo da história da humanidade, a Religião tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento das sociedades e muitas civilizações têm sido marcadas por ela. Sabemos que não existe cultura sem religião, que é um elemento essencial na vida dos seres humanos, pois o homem relaciona-se com o sobrenatural para justificar sua existência, em alguns casos.

Julgamos oportuno citar alguns teóricos que opinam a respeito desse conceito de religião. Sabemos que é muito difícil poder reunir em um único parágrafo visões tão diferentes sobre esse conceito. Como podemos ver Freuebarch, em *“Essência do Cristianismo”*, destaca uma concepção antropologizante de religião “Deus é, ao mesmo tempo, criação do homem e inversão sublime do homem”. Na visão de Karl Marx, “a religião tem um papel ideológico de legitimação e de amortecedor dos conflitos sociais, o famoso “ópio” e a mais sublime alienação”. No caso de Freud, o caminho da psique humana “reduz a religião a uma situação patológica, a um arranjo neurítico

para suportar a existência ameaçada”. Para Nietzsche, a “religião é uma questão de poder e de libido, ou seja, o poder libidinoso de luxúria transcendental na fusão de Dionísios com Apolo, a poderosa profecia que chamamos de pós-modernidade, sobretudo em religião, essa fusão de templo centrada na subjetividade”. Para Weber “a religião é considerada uma necessidade humana junto às demais necessidades”. Para Durkheim, “alma” e “corpo” são metáforas para a formação tanto da subjetividade humana como para a sociedade, e essa condição dual se perpetua desde as formas mais elementares até na mais sofisticada e secularizada sociedade” (VOLCAN & PIZZI, 2005, p.349-351).

Acabamos de ver concepções de vários teóricos a respeito da religião, de maneira mais diversa, portanto constatamos existir uma relação entre os homens e seu ser supremo e percebemos que essas aproximações abrangem informações fundamentais em relação à religião. Na verdade, o vínculo com a natureza é intrínseco à natureza humana. Defendem alguns antropólogos e teólogos que a religião é insubstituível porque o ser humano é instintivamente religioso. Entretanto, o termo menos polêmico que pode ser usado no lugar de religião é a superstição, que provém do latim “superstitio”, experiência com o místico. Dessa forma, entrar em uma discussão a respeito do vodu haitiano como uma forma de religião evidencia-se fundamental para este estudo.

2.4 O “Vodu”: o que é?

O termo *Vodu* originou-se da tradição religiosa teísta-animista, com raízes primárias entre os primeiros povos *Fon-Ewe* da África Ocidental. Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, antigamente Reino do *Daomé* e de outras ortografias foneticamente equivalentes no crioulo haitiano *Vodou* (HURBON, 1987).

O Vodu representa a religião popular do povo haitiano, a religião sincrética, cujos principais componentes são baseados nas crenças antigas das tribos negras africanas, em particular do *Daomé*. Vodu consiste numa religião na qual há uma estreita ligação com a natureza, não no sentido de que a natureza é adorada, mas porque os crentes acreditam que o homem está

profundamente inserido e é um microcosmo onde o mundo inteiro pode ser lido. Há uma hierarquia de forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais. Os praticantes da religião vodu acreditam profundamente na existência dos seres espirituais que vivem na natureza (HURBON, 1987).

Conforme o antropólogo e teólogo Laënnec Hurbon, o culto do Vodou na cultura haitiana está na base do desejo de reportar-se ao lugar em que os acontecimentos e o sentido das coisas têm explicação e não devem ser abalados no seu próprio universo simbólico. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987).

A discussão a respeito do Vodou haitiano neste estudo revela-se de fundamental importância, porque esse conceito representa um elemento crucial na formação cultural do povo, embora, muitas vezes seja mal interpretado e discriminado pelo fato de indivíduos não saberem ou não compreenderem sua importância na formação desse país. É com essa pretensão que pretendemos fazer uma abordagem dialética¹³ acerca desse termo. Por que uma abordagem dialética? Justificamos: na tentativa de buscar um movimento de retorno acerca da história e da cultura haitiana em relação à Igreja Católica. Por que a Igreja Católica? Não se pode falar da religião Vodou do Haiti sem nos referirmos à Igreja Católica Apostólica Romana. Conforme *L. Hurbon*, há muito tempo, essa instituição, “confundiu sua particularidade com a universalidade; fez-se de porta-voz de várias culturas; em especial, à cultura ocidental, e tentou impor aos negros o Deus dos brancos e, até mesmo, uma “alma branca” (HURBON, 1987, p.09).

Sabemos que uma boa parte da África foi dividida e transplantado para o Novo Mundo, de tal maneira que há várias etnias africanas presentes no

¹³ A origem da palavra é o grego *dialegein*, “argumentar” ou “conversar”; em Aristóteles e outros autores, esta palavra tem sentido de “argumentar para uma conclusão” “estabelecer por meio de argumento”. Após século XII, a dialética esteve cada vez mais associada às disputas formalizadas, praticadas nas universidades. Lembrando que Kant na *Crítica da Razão Pura* – Dialética transcendental, e Marx na obra *O capital*, empregaram o método dialético do Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo (**Fonte:** Dicionário de Filosofia de Cambridge, 2006).

continente americano. O registro da continuação da África nas três Américas está longe de ser extenuante. Notamos que os laços culturais africanos conseguiram afastar-se das etnias e sobreviver fora delas, no entanto, muitos africanos puderam, ao mesmo tempo, viver na aparência e conseguir adaptar-se às civilizações escravagistas como a portuguesa, a espanhola, a anglosaxã e a francesa, que chegaram a impor sua predominância na suas colônias (HURBON, 1987).

[...] de qualquer modo, a África está tão presente na América que já se pode falar na existência de três Américas: a branca, a índia e a negra. Na América do Norte, por exemplo, pode-se encontrar nas ilhas Gullah e da Virgínia a predominância das culturas *Fanti-Ashanti*; em Nova Orleães predomina a cultura do *Daomé* e *Bantu*; na América Central, a Cultura Ioruba; no Haiti e norte do Brasil, a do *Daomé (Fon)*; na Jamaica, nas ilhas Barbados e em Santa Lúcia encontra-se a cultura dos *Kromonti* da Costa do Ouro; nas Guianas holandesa e francesa, *Fanti-Ashanti* (HURBON, 1987, p.65).

O reconhecimento dos traços culturais africanos é tão forte que resultou na contribuição dos negros de origem africana no desenvolvimento econômico, social, político e tecnológico das três Américas. Dessa forma, é fundamental promover políticas públicas ou afirmativas que possam ajudar a reduzir a desigualdade entre as etnias. Por isso, reconhecemos importante - no caso do Brasil - os governantes promoverem políticas afirmativas, embora haja opiniões antagônicas a esse respeito; porém no caso deste estudo não pretendemos discutir a fundo essas políticas. Neste capítulo, o cerne da discussão é o Vodun Haitiano e sua relação com a natureza.

É importante salientar que o processo da escravidão está definitivamente marcado na memória dos negros da América. Esse processo significa, para muitos negros, ruptura e abalo, e às vezes se transforma numa espécie de pesadelo na consciência dos afro-americanos. Sem dúvida, o processo da escravidão era fazer com que os negros esquecessem sua origem, então proibiam-se os cultos africanos e os escravos eram forçados a aceitar o cristianismo através do batismo. Diante dessa conjuntura, ressalta-se que, antes de tudo, o Vodun Haitiano era a resistência diante do sistema escravagista daquela época.

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o

vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avós. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o vodu foi a primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos, das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistências, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o vodu é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

De acordo com a citação acima, podemos afirmar que o Vodou apresenta-se como uma resposta à exploração do cativo em relação ao poder imperialista social, cultural e econômico dos brancos daquela época, ou seja, uma forma de resistência dos escravos em relação aos senhores. Na verdade, a prática do Vodou nas colônias significava, desde cedo, uma linguagem própria, a consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e o dos opressores (senhores).

Não podemos falar sobre Vodou haitiano sem mencionar o famoso nome *Makandal*, escravo originário da Guiné, que em 1757 assumiu o comando de um bando fugitivo, utilizou a crença do Vodou como compromisso e incutiu em seus seguidores que, para sair da escravidão, era necessário esse engajamento através um pacto de confiança absoluta e ética, que é o Vodou. Até hoje, a figura do *Makandal* é venerado, como profeta no Haiti.

[...] 1791: uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma (HURBON, 1987, p.69).

Dutty Boukman – outro nome importante na história do Haiti - foi quem organizou essa cerimônia de Vodou junto com um grande número de escravos na noite de 14 de agosto de 1791. Um porco preto foi sacrificado e os assistentes beberam o sangue para se tornarem invulneráveis na noite de 22 de agosto de 1791, quando os escravos começaram a queimar as plantações e massacrar os brancos. Durante dez dias a planície do norte esteve em

chamas. Cerca 161 usinas de açúcar e 1.200 pés de café foram queimados. Essa cerimônia chama-se “*Ceremonie du Bois-Caïman*”. Na história do Haiti, ela é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência. Foi a primeira grande revolta contra o sistema da escravidão daquela época.

2.4.1 O Vodou e sua ligação com a Natureza

Para muitos turistas, a cerimônia da prática do Vodou parece ser uma peça de teatro, uma dança semi-cômica, mas para os adeptos o culto significa a celebração continuada com a mãe natureza. É uma oportunidade para recarregar sua vitalidade. Sabemos que tudo que compõe a natureza é energia. É importante salientar que o Vodou haitiano está profundamente ligado à natureza, onde tudo interage em um processo contínuo na busca constante de um equilíbrio harmonioso das forças existentes na natureza em relação à vida humana. Neste sentido, os elementos como a terra, a água, as matas, o fogo, os raios e os trovões são elementos integrantes do ambiente, e estão intimamente ligados à existência do Vodou.

Importa ainda mencionar outro elemento de recordação da herança africana no Vodou haitiano:

[...] É o trabalho comunitário chamado *Kumbite*, que é continuação do *Dokpwe* de Daomé. Ele pode assumir diversas formas (ronda, associação, corbéia ...) Mas o *Kumbite*, propriamente dito, consiste numa associação de camponeses que decidem trabalhar coletivamente num campo em benefício de um único proprietário, com refeição, danças e música. É verdadeiro sistema de presente e contrapresente: ele obriga seus membros a trabalhar uns pelos outros. Se alguém adoece, seu campo será cultivado. Mas o *Kumbite* não tem só apenas a função econômica: é ocasião de manifestação de amizade, emulação, recreação, prazer. É, ao mesmo tempo, sociedade extremamente estruturada com chefes graduados, orquestra etc., uma série de coisas que despertam o entusiasmo e a alegria do camponês (HURBON, 1987, p.74).

Sem dúvida, revela-se fundamental a prática do *Kumbite* na cultura haitiana, contudo é importante ressaltarmos que não são todas as classes da sociedade haitiana que usam essa prática. Na realidade, estamos em frente a dois mundos separados. É espantosa a coexistência dos dois mundos, um vivendo ao lado ou à custa do outro: a população urbana é minoritária e a rural, majoritária. De um lado, o mundo urbano vive com os valores embasados na

cultura européia, enquanto o mundo rural, formado pelos camponeses, vive com seu crioulo pertencente à cultura “mítica” da África. Esses são os principais fornecedores que abastecem as grandes cidades com seus produtos alimentícios (HURBON, 1987).

Cabe ainda salientarmos as oferendas: o hábito praticado pelos nossos ancestrais ao colocar os trabalhos sobre as folhas de bananeira ou mamona, em forma de banquete. São todos produtos biodegradáveis, com fácil absorção pela natureza. Nessas oferendas, substituem o plástico e o vidro como recipientes, já que esses materiais, além de agredirem a natureza, podem causar sérios acidentes. Nesses casos, usam cabaças, bambu, cuias de coco e materiais biodegradáveis, e sua absorção pela natureza deverá ocorrer no menor espaço de tempo, propiciando um ambiente menos poluído.

A oferenda de alimentos ocupa um o lugar central nas cerimônias. O *manzè Lwa*, por exemplo, consiste em alimentar os *Lwa* os quais, uma vez fortalecidos, podem transmitir suas forças aos fiéis. Estes tornam-se bem próximos dos *Lwa* quando se alimentam junto com eles na mesma cerimônia. Seria difícil fazer aqui uma apresentação minuciosa dos diversos tipos de *services* encontrado no Vodou. Eles são muito diferentes, conforme as regiões, as confrarias, os ritos (HURBON, 1987, p.83).

Além disso, o praticante do Vodou sempre acreditou que as forças de suas divindades, chamadas *Lwa*, estão sempre presentes na natureza. Como forma de agradecimento, são realizadas oferendas que selam a fidelidade, proteção e comunhão com os *Lwa* e a natureza que os representa. A prática do Vodou, na verdade, busca a perfeita harmonia com a natureza.

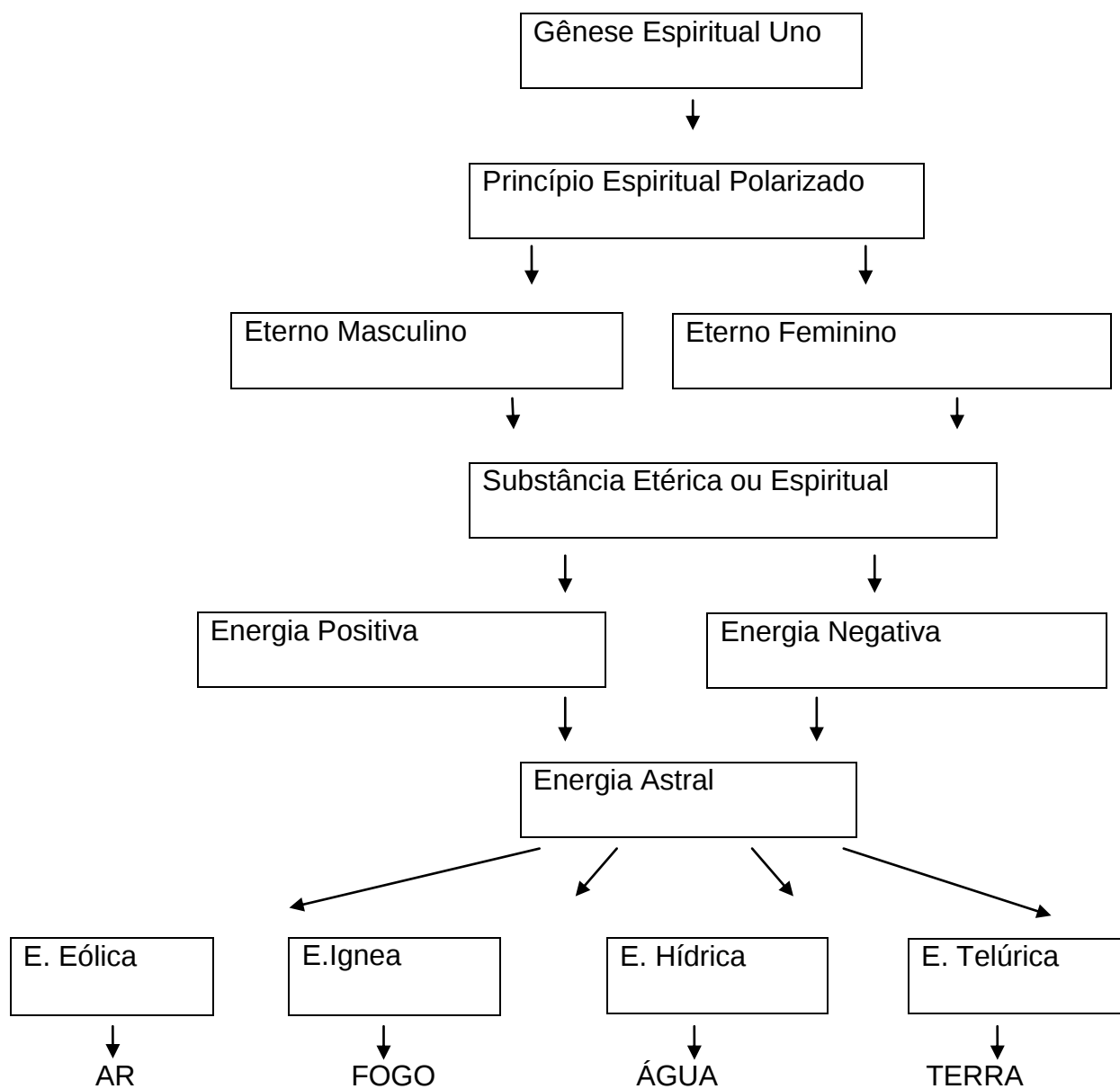
Com o dizer de *Laënnec Hurbon* (1987), é preciso distinguir vários aspectos dentro da cerimônia de Vodou. Por exemplo, o *manzè marasa* é uma espécie de banquete em homenagem aos gêmeos, o *pou dèfen yo* são banquetes em homenagem aos mortos e nos *manzè Jam* se oferecem as primeiras colheitas. Na visão dele, são cerimônias cujos objetivos são homenagear os *Lwa*¹⁴, a fim de obter proteção durante todo ano. Muitos adeptos consideram essa prática um dever da família.

Para encerrarmos esse capítulo, mostra-se extremamente relevante o fator da sacralização da natureza, como fizeram os ancestrais. Querendo ver

¹⁴ São divindades ou espíritos na religião do Vodou haitiana.

sempre as áreas verdes, os rios, o mar, as praias, os lagos e os arroios devidamente limpos, essa consciência ecológica faz parte das práticas religiosas do Vodou, por isso nenhum adepto gostaria de oferecer suas oferendas às entidades ou celebrar seu culto em um lugar poluído, sujo e repleto de dejetos. Diante disso, os adeptos do Vodou têm sempre a consciência de que a natureza é sagrada, se é sagrada deve ser preservada e bem cuidada. No próximo capítulo falaremos sobre a problemática ambiental do Haiti, e do desmatamento como o grande desafio pós-terremoto.

—> 2.4 .1.2 Descrição de um culto do vodu haitiano ligado aos 4 elementos da natureza



Fonte: Rivas Neto, 1996.

CAPITULO III

3. A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL NO HAITI: O DESMATAMENTO COMO O GRANDE DESAFIO PÓS-TERREMOTO

Antes de abordarmos a problemática acima posta, faz-se necessário situar o país novamente. A República do Haiti encontra-se na placa Caribenha, que possui, relativamente, um pequeno tamanho quando comparada às placas Sul-Americana e Norte Americana. Isso faz com que a região do Haiti se torne instável e predisposta a terremotos. A incidência de falhas representa o fator agravante, uma vez que um simples movimento para cima ou para baixo provoca os tremores sísmicos que podem gerar grandes catástrofes.

Como ressaltamos anteriormente, o Haiti tem, aproximadamente, 10.000.000 de habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km² (Censo realizado em 2003). A explosão demográfica e a crise econômica fazem com que se desintegre o mundo rural, provocando o êxodo maciço às grandes cidades e aos países vizinhos. As maiores cidades são a capital, *Port-au-Prince* (Porto Príncipe), com 2 milhões de habitantes, seguida de *Cap-Haitien* (Cabo Haitiano) com 600.000 habitantes, que encontra-se no Norte do país, a 75 Km da fronteira com a República Dominicana (ROCHA, 1995).

Por sua vez, destacamos o fenômeno da “superpopulação do espaço urbano”, principalmente devido à explosão demográfica, ao êxodo rural e à ausência de políticas públicas adequadas em termos de urbanismo e população, embora o problema de Haiti não seja somente a questão de superpopulação, mas também todos os fatores envolvidos, como o desemprego e a miséria, entre outros. A expectativa de vida dos homens e das mulheres é de 61,1 anos. (ROCHA, 1995). Julgamos oportuno comparar as taxas com o Brasil, onde a taxa de mortalidade infantil é 22 por cada mil nascidos; a expectativa de vida das mulheres é de 73, 2 anos, e dos homens é de 72 anos. Confirmam-se os indicadores na tabela 2 abaixo.

Tabela. 2: Expectativa de vida de alguns países

Indicadores de demográficos para alguns países selecionados			
<i>Esperança de Vida ao Nascer</i>		<i>Taxa de Mortalidade Infantil</i>	
Japão	82,7	Islândia	2,9
Islândia	81,8	Singapura	3,0
França	81,2	Japão	3,2
Canadá	80,7	Finlândia	3,2
Noruega	80,6	Noruega	3,5
Singapura	80,3	França	3,9
Alemanha	79,9	Alemanha	4,1
Finlândia	79,6	Portugal	4,2
E.U.A	79,2	Dinamarca	4,4
Costa Rica	78,8	Canadá	4,8
Portugal	78,7	Cuba	5,1
Cuba	78,6	E.U.A	5,9
Chile	78,5	Chile	7,2
Dinamarca	78,3	Costa Rica	9,9
Brasil - Mulheres (2009)	77,0	Rússia	11,9
Uruguai	76,2	Uruguai	13,1
México	76,1	Argentina	13,4
Argentina	75,2	México	16,7
Venezuela	73,8	Venezuela	17,0
Brasil (2009)	73,2	Colômbia	19,1
China	73,0	El Salvador	21,5
Colômbia	72,8	Brasil (2009)	22,5
Paraguai	71,8	China	22,9
El Salvador	71,4	Paraguai	32,0
Brasil - Homens (2009)	69,4	Bolívia	45,6
Rússia	66,5	Índia	54,6
Bolívia	65,5	Haiti	62,4
Índia	63,5	Costa do Marfim	86,8
Haiti	61,2	Serra Leoa	104,3
Costa do Marfim	57,2		
Serra Leoa	47,4		

Fonte: Divisão de População das Nações Unidas (2005-2010) e IBGE (2009)

Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/images/1767_2886_165745_739261.gif

3.1. Situação do Haiti antes do terremoto

O Haiti está no 149º lugar do ranking de 182 países, segundo o índice de desenvolvimento humano do PNUD¹⁵. Setenta e seis por cento da população vive abaixo da linha da pobreza e 55% estão em situação extrema

¹⁵ Relatório de Desenvolvimento Humano 2009.

pobreza. Oitenta por cento dos haitianos vivem com menos de US\$ 2 por dia. Esta proporção sobe para 90% na zona rural.

O índice de abandono do ensino fundamental é muito elevado, isto é, 35% abandonam a escola no sexto ano do primário, de 100 crianças haitianas que ingressam no primeiro ano primário, somente 60 têm a chance de chegar ao sexto ano. Quase 50% da população não têm acesso à saúde e aos serviços dessa área. Na Capital, Porto Príncipe, há falta de infra-estrutura, água e provisões em geral. Os problemas de água e saneamento no país são enormes: 45% da população não têm acesso à água potável e 83% da população não dispõem de serviços de saneamento.

O déficit alimentar no Haiti tem natureza estrutural. O valor da importação de alimentos por habitante tem crescido desde 1994, passando de US\$14,5 por habitante em 1981, a US\$ 40 por habitante em 2007. Cerca de 60% da população é subnutrida, uma de cada quatro crianças sofre de retardo no crescimento.

Em suma, constatamos a existência de vários fatores decisivos para a fragilização da situação socioeconômica e ambiental do país, tais como: a pobreza endêmica, corrupção do governo, as catástrofes naturais como os quatro ciclones que abalaram o país em 2008 e, principalmente, o terremoto que devastou a capital haitiana em janeiro de 2010, exterminando 200 mil pessoas. Neste capítulo, pretendemos discutir a problemática ambiental do Haiti pós- terremoto.

3.2 O Contexto do Haiti pós terremoto

No ultimo dia 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7,0 graus na escala Richter atingiu o Haiti. O epicentro do terremoto foi ao sul da capital haitiana, Porto Príncipe, cidade que conta com aproximadamente 2 milhões de habitantes. Cerca de 3,5 milhões de pessoas vivem na zona atingida pelo terremoto.

Esse foi o pior terremoto já registrado na história do Haiti. As consequências da catástrofe foram agravadas pelo quadro histórico de pobreza, desigualdade e vulnerabilidade extrema que prevalece no país. As estimativas de mortos contornam entre 250 a 300 mil pessoas. As cenas de um

país destruído com milhares de pessoas soterradas embaixo de escombros ou vagando pelas ruas sem entender bem o que havia acontecido rodaram o mundo em instantes, comovendo e despertando o senso de solidariedade de pessoas, instituições e governos.

O mundo inteiro se mobilizou para ajudar o Haiti, bem como a diáspora haitiana. Várias reuniões e conferências foram realizadas na República Dominicana e nos E.U.A., na quarta-feira, 31 de março de 2010, com o tema Conferência de Doadores, quando o presidente René Préval reuniu mais de 5,2 milhões de dólares para a reconstrução do país. E, no Canadá, de 20 a 21 de maio de 2010, na Escola Politécnica de Montreal, foi fundado o Grupo de Reflexão e Ação para um Novo Haiti para os aspectos técnicos da reconstrução. ONGs de todos os tipos vêm para nos ajudar neste desastre natural como: AECID, Ação contra a Fome, a Oxfam, o PAM, a USAID, Médicos Sem Fronteiras, MEDAIR, Yele Haiti etc.

Os fatos falam muito mais sobre essa dramática realidade em que mergulhou o país desde 12 de janeiro. Vemos uma triste desorganização da república. O Haiti ainda está em um estado de urgência. As pessoas mais pobres tornam-se ainda mais pobres e vivem em condições difíceis e subumanas, levando uma vida exposta a todos os tipos de doenças devido à fome e a insalubridade. No decorrer do mesmo ano o país foi assolado por uma eclosão de cólera que matou mais de 4.131 pessoas, segundo o último relatório fornecido pelo Ministério da Saúde Pública e População (MSPP). Estamos diante de um quadro de aumento da prostituição e da delinquência juvenil. Há um claro aumento da gravidez na adolescência. A autoridade da família tem diminuído e muitos meninos vivem na ociosidade, a pobreza leva muitas jovens entre os 12 a 25 anos a práticas vergonhosas de prostituição. Muitas dessas praticas não são bem vistas na cultura haitiana, sendo consideradas como imposição cultural dos estrangeiros.



Fig. 8. Pacientes com sintomas de cólera recebem atendimento em um hospital

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/files/2010/11/a011.jpg>

3.3 Comparando os problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana: ambos os países encontram-se numa mesma ilha

Para se aproximar da problemática ambiental do Haiti, é importante e necessário incluir neste estudo a República Dominicana, por vários motivos. Primeiro, por ser o país vizinho que divide a mesma ilha, e o segundo pelos fatos históricos, políticos, econômicos e sociais e ambientais que são fundamentais para compreender essa comparação. Entretanto, um estudo comparativo das questões ambientais de ambos os países pode dar várias pistas para compreender por que o destino de cada um é tão diferente.

As duas partes da ilha chamada *Hispaniola*, hoje República Dominicana e o Haiti, separados por uma linha de fronteira de 193 km que divide a grande ilha do Caribe, ficam a sudeste da Flórida (E.U.A). Em diversos lugares da fronteira é cabível olhar de um lado a leste e se deparar com florestas de pinheiros, e a oeste e nada ver além de campos quase despojados de árvores (DIAMOND, 2005).

Esse contraste visível na fronteira exemplifica uma diferença entre os dois países como um todo. Ambos os países perderam florestas, mas o Haiti perdeu muito mais, a ponto de agora possuir apenas sete trechos substancialmente arborizados, dos quais apenas dois são protegidos como parques florestais, ambos sujeitos à atividade madeireira ilegal. Hoje, 28% da República Dominicana ainda são cobertas de florestas, contra apenas, 1% do Haiti. No Haiti e na República Dominicana, assim como em toda parte do mundo, as consequências de todo esse desmatamento incluíram falta de vigas de madeira e outros materiais de construção da floresta, erosão e perda da fertilidade do solo, assoreamento nos rios, perda de proteção das bacias hidrográficas e, portanto, de energia hidrelétrica potencial, e diminuição de chuvas. Todos esses problemas são mais graves no Haiti do que a República Dominicana. No Haiti, mais urgente do que uma dessas consequências é a carência de madeira para fazer carvão, principal combustível para cozinhar (DIAMOND, 2005, p. 397-399).

Essa diferença florestal e ambiental entre os dois países se reflete em vários aspectos, tais como a economia e a agricultura, entre outros. Tanto a República Dominicana quanto ao Haiti são países pobres que enfrentam situações difíceis, assim como a maioria dos países tropicais que passaram pelo processo de colonização européia. Com governos desonestos e insensíveis se agravam problemas nas áreas de saúde, educação, produção agrícola etc. Porém, as dificuldades do Haiti relativas ao desmatamento são muito maiores do que as da República Dominicana.

Os aspectos de miséria, de exclusão e de sofrimento do povo haitiano poderiam suscitar a ideia de que a questão do desmatamento seria um tema secundário diante da emergência de outros assuntos mais prementes. No entanto, justificamos a necessidade de inclusão dessa dimensão ambiental na educação, não somente devido à emergência atual da crise socioambiental, mas também a articulando com o futuro socioeconômico da população. Só assim poderemos avançar na busca de novos estilos de desenvolvimento para o Haiti.

Conforme Jared Diamond, pesquisador norte americano, salienta:

Haiti é pequeno, formado por quatro parques nacionais, ameaçados por camponeses que derrubam árvores para fazer carvão. Em comparação, o sistema de reservas naturais da República Dominicana é relativamente o mais completo e o maior das Américas, compreendendo 32% da área do país com

74 parques de reservas ou reservas, e incorpora todos os tipos importantes de habitat. É claro que o sistema também sofre com uma abundância de problemas e uma deficiência de fundos, mas ainda assim, é impressionante para um país pobre com outros problemas e prioridades. Por trás do sistema de reservas, há um vigoroso movimento nativo de preservação, com muitas organizações não-governamentais mantidas pelos próprios dominicanos, e não impostas ao país por conselheiros estrangeiros (DIAMOND, 2005, p. 400).

De acordo com a citação acima, o autor está sendo bem explícito no que diz respeito à grande diferença da problemática ambiental da República Dominicana e do Haiti, ressaltando a quantidade de parques nacionais ou reservas entre os dois países, e principalmente a questão do desmatamento por parte dos camponeses haitianos no lado do Haiti para fazer carvão como principal combustível para cozinhar.

Entretanto, vários fatores condicionam para a problemática ambiental do Haiti, desde o princípio. Na verdade, não é só depois do recente terremoto que sacudiu o país, mas os problemas ambientais no Haiti existem há décadas. Entretanto, para chegar à visão mais ampla que contribuem para essa problemática, é necessário passar pela esfera social, econômica e política do país em questão. Assim, enumerando e comparando, encontraremos alguns motivos desencadeadores para os problemas ambientais tanto do Haiti, como da República Dominicana.

3.3.1 Enumerando e comparando as problemáticas ambientais de ambos os países

Tabela.3 Haiti VS República Dominicana suas trajetórias como países vizinhos

<u>República do Haiti</u>	<u>República Dominicana</u>
Encontra-se na mesma ilha “Hispanola” descoberta por C. Colombo no ano 1492 d.C	Encontra-se na mesma ilha “Hispanola” descoberta por C. Colombo no ano 1492 d.C
Os franceses ocupam a parte ocidental da ilha. Atual Haiti	Os espanhóis ocupam o lado ocidental da ilha. Atual República Dominicana.
A França no século XVIII, muito mais	Enquanto, a colônia espanhola,

rica politicamente e mais forte, investiu pesadamente na importação de escravos e desenvolvimento de <i>plantations</i> (plantações) numa escala impossível para os espanhóis.	politicamente mais fraca, tinha uma baixa população, poucos escravos e uma pequena economia baseada na criação de bovinos e venda de couro.
A colônia francesa tinha uma população muito maior, com 700 mil escravos em 1785.	A colônia espanhola com apenas 30 mil, uma população não-escrava proporcionalmente muito menor.
A colônia francesa, <i>Saint-Domingue</i> , como era chamada, tornou-se a colônia europeia mais rica do Novo Mundo e contribuía com quarto da riqueza da França.	Diante do enorme crescimento da colônia francesa, a Espanha cedeu a parte oriental da ilha para a França, de modo que “Hispaniola” foi brevemente unificada sob a bandeira francesa.
De 1791 a 1801 rebelião escrava irrompida em <i>Saint-Domingue</i> . França enviou uma força armada que foi derrotada pelos escravos. E se declara Estado independente em 1804, sob o nome de República de Haiti. Em 1805, os haitianos invadiram a parte oriental da ilha então conhecida como Santo Domingo.	Quatro anos depois, os colonos espanhóis a recuperaram na condição de colônia da Espanha. Entretanto, a Espanha voltou a governar o Santo Domingo com tão pouco interesse de forma inepto que os colonos declararam a independência em 1821.
Em 1850, o Haiti, tinha um território menor que o país vizinho. Mas, com uma população maior, uma cultura de subsistência com pouca exportação. E uma população composta de maioria negra descendentes de escravos provenientes da África e uma minoria de mulatos de ascendências mista. Com o medo da	Enquanto a República tinha um território maior, uma economia ainda baseava na criação de bovinas, davam boas vindas e ofereciam cidadania para os imigrantes. Ao longo do século XIX, havia grupos de imigrantes numericamente pequenos, mas economicamente significativos. Composto de judeus, libaneses,

volta da escravidão, criaram leis através da Constituição haitiana que proibiam aos estrangeiros possuírem terras ou controlarem os meios de produção através de investimentos.	palestinos, cubanos, porto-riquenhos, alemães e italianos, a que se juntaram judeus austríacos, japoneses e ainda mais espanhóis após de 1930.
A instabilidade política no Haiti. Os golpes de Estados se sucediam, e o controle se alternava entre os líderes locais com seus exércitos particulares. Dos 22 presidentes do Haiti, no período de 1843 a 1915, 21 deles foram assassinados ou depostos.	Havia também na República Dominicana a instabilidade política, de tal modo que, entre o período de 1844 a 1930, ocorreram 50 mudanças de presidente, incluindo 30 revoltas no país.
No Haiti, os presidentes governavam para enriquecer a si mesmos e seus seguidores.	Na República Dominicana também, os fatos eram semelhantes.
As potências exteriores tratavam o Haiti diferente, como uma sociedade africana que só falava praticamente crioulo, composta de ex-escravos e hostil a estrangeiros. Diante disso, não houve nenhum investimento por parte dos estrangeiros; como resultado, economia muito fraca e pouca exportação.	Enquanto a República Dominicana era vista como uma sociedade que falava espanhol, parcialmente europeia, imagem simplista, receptiva a imigrantes e ao comércio europeus. Investimento de capital estrangeiro, posteriormente EUA, ela começou a desenvolver uma economia de mercado de exportação.
O fim da instabilidade, e o início do reino dos dois piores ditadores da região, no Haiti com <i>François Duvalier</i> (1957 a 1971).	O fim da instabilidade, e o início do reino dos dois piores ditadores da região, na República Dominicana com <i>Rafael Trujillo</i> (1930 a 1961).
<i>François Duvalier</i> (Papa Doc), embora fosse um intelectual, médico mais educado que <i>Trujillo</i> , nunca se	Enquanto <i>Rafael Trujillo</i> esforçou-se em modernizar a República Dominicana, desenvolveu a economia, a indústria,

preocupou em modernizar o Haiti, ou desenvolver uma economia industrializada em benefício do país.	embora, aparentemente, parecesse um negócio próprio.
Outra diferença que merece ser destacada é a questão da chuva na região, na parte do Haiti com altas montanhas que impedem o grande volume de chuva que vem do leste da ilha. Devido a essas barreiras, torna-se mais seco, e a área para agricultura é bem menor que seu país vizinho.	Em contrapartida, as chuvas da região vêm do leste, ou seja, no território dominicano. Os rios dessas montanhas fluem geralmente ao lado da República Dominicana. Portanto, esse lado possui planaltos, planícies e vales mais extensos e terras mais ricas para a agricultura.
A maior parte da população haitiana ganhou um pedaço de terra, utilizou-o para alimentar-se e não recebeu a ajuda do governo para desenvolver uma agricultura lucrativa para comercialização com os países europeus dentre de outros.	Enquanto a República Dominicana desenvolveu uma agricultura e uma economia industrializada muito forte, propiciando o comércio no exterior, principalmente com os países europeus.
Os problemas do desmatamento do Haiti, comparados com a República Dominicana, pioraram nos últimos 40 anos.	Assim, a República Dominicana tem uma cobertura vegetal muito maior que o Haiti; os governos dominicanos lançaram programas para evitar a retirada do combustível das florestas.
Na ausência de políticas ou programas por parte das autoridades haitianas, para suprir as primeiras necessidades, a pobreza do país obrigou a maioria da população a permanecer dependente do carvão como principal combustível para cozinhar, aumentando o ritmo	Enquanto isso, as autoridades dominicanas lançaram programas capazes de conscientizar sua população e diminuir a destruição das florestas, importando urgentemente o gás propano e gás natural liquefeito. Assim, diminui o ritmo de desmatamento na região.

acelerado do desmatamento no país.	
------------------------------------	--

Fonte: Diamond, 2005.

Essa tabela nos oferece uma visão panorâmica do ponto de vista político, econômico, social e, sobretudo, ambiental de ambos os países. Dessa forma, observamos através da tabela a combinação de vários fatores, no caso do Haiti, que acarretaram o desmatamento no país. Cabe ressaltarmos, no caso do plano da reconstrução do país pós-terremoto, não se discutir a questão do desmatamento. Será que, no caso do Haiti, a reconstrução do país depende exclusivamente do ponto de vista econômico? Não seria um procedimento fragmentado? Sabemos que a reconstrução do Haiti necessita indispensavelmente de um diálogo permanente entre as principais esferas do país: econômica, social, política, cultural, a educacional, tecnológica, a cidadania ambiental e a ecologia. Assim, podemos sonhar com uma verdadeira reconstrução se essas esferas forem capazes de manter um diálogo em benefício da população e do desenvolvimento do Haiti.

Dessa forma, para encerrar esta parte de comparação entre ambos os países, é fundamental a observação da imagem abaixo. Com isso, chegaremos a algumas conclusões, e volta a velha pergunta: por que numa ilha dois países (República Dominicana e a República do Haiti) têm o destino tão diferente? Uma mirada crítica da foto destas montanhas é de extrema importância para compreendermos, em especial, a situação ambiental do Haiti.



Fig. 9. Imagem de duas montanhas, o Haiti e a República Dominicana

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>

Uma análise da crise ambiental, em especial a do Haiti, sob a ótica da sustentabilidade, à primeira vista parece ser algo impactante e ao mesmo tempo chocante. Dessa forma, uma observação da foto das duas montanhas entre os dois países, mostra com toda propriedade a enorme diferença entre os impactos ambientais de ambos os países, bem como o modelo de desenvolvimento dos dois países que dividem a mesma ilha, lembrando que foi a primeira terra pisada pelo navegador C. Colombo, no Novo Mundo.

A foto acima mostra, ao lado esquerdo, o Haiti, à direita, a República Dominicana. Esta imagem revela a grande diferença entre a cobertura vegetal do Haiti, com apenas 4 unidades de sua conservação e praticamente todas as montanhas desmatadas, e a República Dominicana, com 74 unidades, cobrindo 32% do seu território. Isso é um fato lamentável sim, mas não devemos ficar só a lamentar; precisamos buscar alternativas como futuros educadores ambientais para ajudar a amenizar esse problema. Sabemos muito bem que não depende de uma pessoa somente, há necessidade de uma ação coletiva. Diante disso, ao longo desta pesquisa surgiu a idéia de dar continuidade para poder aprofundar mais este estudo em alguns institutos especializados no assunto de desmatamento e reflorestamento.

O Haiti foi reconhecido sempre por sua triste história, desde a sua formação como país. Sem dúvida, foi imposta à população haitiana uma luta pela sobrevivência da forma mais injusta e insustentável. Bem no começo, após sua proclamação de independência, ocorreu a primeira invasão do exercito norte americano, de 1915 a 1930; após inúmeros golpes de Estado, sanções econômicas internacionais, instabilidades políticas, econômicas e sociais, o terremoto e recentemente uma epidemia de cólera se juntaram a essas outras tragédias.

Outro aspecto a ser destacado neste estudo é a enorme produção de carvão como principal fonte de energia para mais de 70% da população haitiana. Essa forma de produção sem nenhum controle da parte das autoridades locais constitui-se numa das causas da aceleração do desmatamento do país. Notamos pouco interesse da parte do governo local, ONGs e comunidade internacional em discutir essa problemática (produção de carvão=desmatamento) e propor alternativas para encontrar soluções contra esse “mal necessário” que acompanhe o povo haitiano durante seus 200 anos de história.



Fig.10. Em busca do pão de cada dia, numa condição precária, mas os jovens parecem felizes

Fonte: http://farm3.static.flickr.com/2695/4496319237_8659251b11.jpg

Essa foto acima revela como a maior parte da população haitiana enfrenta a vida no dia a dia: são camponeses levando uma carga de carvão em direção às grandes cidades. Detendo-nos nessa imagem, sem querer cair no exagero, são centenas de cargas que saem todo dia das poucas áreas arborizadas que restam no país. Agora, a pergunta a ser feita: há políticas publicas para diminuir ou frear essa prática de produção de carvão sem nenhum controle? Se não há, o que está faltando? Há tanta presença da comunidade internacional, de ONGs, do famoso Minustah no Haiti; no entanto, será que alguém se preocupa com o desmatamento do país? Se sabe que no caso do povo haitiano é uma luta heroica pela sobrevivência que o acompanha durante toda sua historia.



Fig. 11. A busca pela sobrevivência no dia a dia

Fonte: http://farm3.static.flickr.com/2613/3720606519_1b5c9947e2.jpg

Essa foto nos leva a refletir acerca do verdadeiro sentido da palavra solidariedade. Portanto, faz-se pertinente discutir o conceito da cidadania ambiental da autora Maria Eduarda Vaz Moniz dos Santos (2005). Assim, na tentativa de desconstruir este conceito (cidadania ambiental) encontrado na

obra intitulada: *QUE CIDADANIA?* (2005), encontramos contribuições importantes para compreender à problemática ambiental do Haiti nesta dissertação de mestrado.

O conceito de cidadania ambiental, na visão da autora, leva-nos a pensar na desconstrução de novos significados, valores e responsabilidades dentro de uma sociedade. No caso do Haiti, evidencia-se imprescindível rever todos os valores que podem contribuir na formação de uma cidadania que seja social ou ambiental digna e comprometida. Na visão da Maria Eduarda Vaz Moniz:

A cidadania ambiental constitui uma espécie de caso-tipo da “nova” cidadania. Foi ganhando forma pela urgência de enfatizar a dimensão ambiental das relações sociais. É uma dimensão da cidadania fundamental aos contornos da “revolução silenciosa” que está a reconfigurar a atual cidadania. De fato, no mundo de desigualdades em que nos movemos, marcado por profundos problemas socioambientais, locais e globais, é comum traduzir as novas dimensões da cidadania adjetivando-a. A cidadania ambiental conduz a uma nova visão do mundo através da “invenção” de uma nova cultura – uma “*cultura verde*” que nos vincula à complexa teia da vida. Uma teia que entrelaça presente, passado e futuro (SANTOS, 2005, p.73).

A reflexão acima a princípio mostra-se extremamente valiosa, principalmente no que diz respeito à problemática ambiental e às relações sociais. É interessante a relação da trilogia do tempo, conforme ressalta a autora, como aspecto fundamental na condução de uma cidadania ambiental que aponta para uma nova cultura. Entretanto, não devemos ficar à espera de que essa relação possa acontecer por si só, se percebemos que as esferas dentro de uma sociedade que podem e devem contribuir para o bom andamento da sociedade (haitiana) não são capazes de dialogar e buscar metas e objetivos eficientes para tirar o país do abismo no qual se encontra.



Fig. 12. É o mercado de vendas de carvão em *Port-au-Prince*

Fonte: www.rfi.fr/.../haiti_16_marche_charbon_432.jpg.

Analisando essa imagem, questionamos que vida é essa? Que cidadania é essa? Maria Eduarda Vaz dos Santos (2005) vai além de um simples conceito de “cidadania ambiental”; ela mostra com todo rigor que pode haver outras dimensões acerca dos problemas socioambientais. Ao fazer uma análise da conjuntura da problemática ambiental do Haiti nos últimos vinte anos, se percebe com toda clareza a falta de uma ligação indissolúvel entre as esferas dessa sociedade. Por isso, ela mostra que:

A cidadania ambiental tem muito a ver com “uma ciência da vida contra a vida dominada pela ciência”. Implica uma complexa problemática política e múltiplos paradoxos. Requer conhecimento, maior prudência, responsabilidade, solidariedade e participação do cidadão em decisões socioambientais que afetam a todos. Evidencia uma ligação indissociável entre as questões do ambiente, do desenvolvimento e da tecnociência. Foi o estreitar das relações sociedade/natureza que incentivou a repensar a cidadania em termos ambientais. Articulando direitos humanos, economia, ecologia, conhecimento e política, numa visão integrada, a temática ambiental tornou-se central em debates sobre cidadania, política econômica e nas relações internacionais (SANTOS, 2005, p. 74).

É evidente que pode haver os múltiplos paradoxos, mas o que importa é que esses sejam capazes de manter um diálogo embasado na confiança,

responsabilidade, solidariedade e, principalmente, na participação de todas as camadas da sociedade nas decisões para o bom funcionamento do país, em especial ao que diz respeito às questões socioambientais.

Sob esse prisma, a citação da autora acima referida revela-se de fundamental importância. Entretanto, como futuro educador ambiental, diria que a cidadania que devemos esperar é uma cidadania que deixa de ser passiva para se tornar ativa, pois ela não busca somente seus direitos, mas sabe assumir suas responsabilidades. Dessa forma, os países que são considerados Estado por excelência teriam de transformar uma cidadania que costumava exigir em uma cidadania participativa nos projetos coletivos. Portanto, um país que deseja levar a sério as exigências e prioridades da população deve garantir a participação efetiva dos cidadãos nos assuntos públicos – sejam eles políticos, econômicos, sociais ou ambientais.



Fig. 13. *Le Pic la Selle*, 2.468 metros, um das montanhas mais altas do Haiti

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/333_DSC_0014.JPG

Essa montanha acima chama-se *Le Pic la Selle*, 2468 metros, é uma das mais altas do Haiti. Voltando à nossa preocupação sobre a questão do desmatamento, percebemos uma área praticamente devastada. A pouca presença de árvores é um fenômeno constante em todo o país. Não se trata simplesmente de observar essas imagens e tirar conclusões parciais, mas sim

de deixar despertar em nós a enorme responsabilidade, sobretudo de futuros educadores ambientais como eu.

Nesse sentido, esta dissertação, sem dúvida, pode oferecer muitas alternativas para o combate ao desmatamento no Haiti, e podemos afirmar, ao longo desta pesquisa, que fizemos uma busca no banco de dados no portal de Capes a respeito das principais problemáticas ambientais no Haiti. Lamentavelmente não encontramos nenhum estudo relacionado a esse assunto. Portanto, esta pesquisa tem uma relevância capital, porque será uma das primeiras no Brasil a se deter nas principais problemáticas ambientais do/no Haiti.



Fig. 14. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/330_DSC_0344.JPG

Na tentativa de justificar a nossa preocupação a respeito do desmatamento no Haiti, ao olharmos a imagem acima percebemos que ela oferece um verdadeiro campo de visão a respeito da gravidade desse problema. Ao mesmo tempo, nos leva a pensar: será que há política pública eficiente capaz de orientar esses camponeses a buscar alternativas adequadas para suprir essa necessidade, fazendo com que a produção de carvão não seja o único meio de sobrevivência?



Fig.15. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/493_DSC_0341.JPG

Realmente é uma situação preocupante ao nos depararmos com a imagem acima. É o último acesso para chegada de veículo à *Pic de la Selle*. Mais à frente deveríamos encontrar uma cobertura vegetal mais compacta, por não haver acesso a veículos para transportar as madeiras para produção de carvão. Os depoimentos dos engenheiros agrônomos haitianos (Eng. Args Éril Joseph, Guerrier Fils Julien e Rodley Pierre), com quem conversamos frequentemente via Skype, relataram que o cenário é de desolação. Não entanto, não devemos perder a esperança. São colegas haitianos com quem futuramente pensamos em trabalhar no combate ao desmatamento do país.



Fig. 16. Cenário preocupante - quase sem árvores

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/560_DSC_0212.JPG

Conforme os especialistas haitianos acima citados, através de seus relatos e na foto acima, vemos que todas as árvores dessa região são drasticamente cortadas para a produção de carvão e de madeira, sem nenhum controle. Evidencia-se uma prática preocupante, mas de acordo com os relatos dos especialistas, os camponeses da região sempre argumentam que não têm o que fazer, pois esse é o único meio de sobrevivência. Dessa forma, constatamos claramente a falta de política da parte do governo local em combater esse crime ambiental e oferecer alternativas para esses camponeses, a fim de sair dessa prática destruidora. Diante dessa preocupação, como futuro educador ambiental sinto-me obrigado a voltar ao Haiti, não como “salvador da pátria”, mas sim como uma pessoa com ferramentas concretas capaz de propor alternativas e começar a trabalhar em conjunto na melhoria dessa situação.



Fig.17. Práticas arcaicas na preparação e fabricação de velas

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/659_DSC_0148.JPG

A preparação e fabricação de velas é uma pratica muito conhecida na cultura haitiana desde o tempo colonial. Como podemos observar na foto acima, é feito um corte na árvore e esta é deixada assim por varias semanas. Então, o pinho envia uma grande quantidade de seiva para fora, que é recolhida e depois misturada com o algodão para a fabricação de velas. Infelizmente, milhares de árvores são destruídas dessa maneira.



Fig.18. Depredação na busca de seiva para a produção de velas

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/324_DSC_0150.JPG

Constatamos serem centenas de árvores, principalmente pinheiros, que são destruídos todos os dias dessa mesma forma, num país onde não há quase prática de reflorestamento. Esse pode ser considerado como um dos maiores desastres ecológicos e ambientais do país. Entretanto, se não há política pública eficiente por parte das autoridades locais, no sentido de atender pelo menos as necessidades básicas dessa população, tampouco campanhas de conscientização nas comunidades locais, voltadas para diminuição e até suspensão dessas práticas, podemos imaginar e esperar que as consequências possam ser muito graves, havendo danos ecológicos e ambientais irreparáveis no futuro no Haiti.



Fig.19. Terreno praticamente devastado, não há presença de árvores

Fonte: http://www.haiti-domesarts.com/images/659_DSC_0272.JPG

Acima, constatamos não haver quase presença de árvores nesse espaço. Parece ser um terreno incultivável por causa das enorme quantidade de pedras que se encontram. E imaginamos outros aspectos que dificultam o cultivo nessa região: a falta de chuva e a pouca presenças de árvores: se chover, pode haver deslizamentos de terras capazes de arrastar as plantações e comprometer a vida dessas pessoas.

Encerrando este capítulo, avaliamos ser fundamental pensar no Haiti. Temos a necessidade de fazer conhecer outros problemas que não são econômicos, sociais e políticos, mas sim ambientais, em especial, o desmatamento sem freio, que acompanha o país durante várias décadas. O Haiti representa um caso inédito no Caribe e no mundo por sua condição de miséria e pobreza, mais visível do que em outros países. Por isso é necessário conhecer melhor essa realidade, porém precisamos nos distanciar dela para enxergá-la melhor e, com uma postura crítica construtiva. Diante isso, queremos ressaltar com toda a propriedade: se não houver medidas drásticas

a serem tomados para evitar o desmatamento nos próximos anos no Haiti, o país pode se transformar no primeiro deserto do continente americano.

Desta forma, falar da reconstrução do Haiti pós-terremoto é extremamente complexo, mas também é uma oportunidade de repensarmos nossas práticas, e como podemos fazê-las na perspectiva de projetos educativos que aproximem fronteiras e possibilitem alianças humanitárias e laços de solidariedades, bem como uma educação plena em seu maior sentido. Surge a necessidade de superar nossos limites - não só os geográficos -, mas também todo e qualquer tipo de limitação que restrinja o pensar e o fazer na Universidade, lugar que deve funcionar como a promoção da diversidade e do encontro das diferenças culturais.

Nesse sentido, como futuro educador ambiental, gostaríamos de propor ações concretas no futuro. Como um dos primeiros passos a serem feitos, estudar a fundo o processo de desmatamento e de reflorestamento, o que pode ser um estudo posterior. Por exemplo, pretendemos permanecer um tempo no *Instituto Terra de Preservação Ambiental*, localizado no Estado de Rio de Janeiro, para pesquisar e ter uma formação sólida a respeito dessa problemática. Assim, ao retornarmos ao Haiti, poderemos ter ferramentas adequadas para ajudar no combate ao desmatamento.

Lembramos que no início do século XX a floresta tropical haitiana, depois de ter sido em grande parte devastada para pagar a taxa financeira imposta pela França em troca do reconhecimento da independência, ainda ocupava 60% de todo o território nacional. Na década de 50, chegou a menos de 20%. Hoje, restam, infelizmente, somente 2% dela (dados extraído do Relatório da ONU, 2009).

Com aproximadamente 10 milhões de habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km², e com um território menor do que a República Dominicana, o Haiti tem a maior densidade populacional da região caribenha. De acordo com alguns especialistas haitianos (Eng.Agr. Heril Joseph e Guerrier Fils Julien), continua o processo do desmatamento, e os de 2% da floresta que ainda restam continuam sendo derrubadas pelos milhões de camponeses em busca de um pedaço de terra, que é a única forma para sobreviver. Também há o carvão, que garante a mais de 65% dos haitianos a única fonte de

energia. Dessa forma, são 30 milhões de árvores cortadas anualmente no país. Além do mais, para muitas famílias haitianas, a madeira revendida nas cidades ajuda a complementar a renda sem a qual seria difícil sobreviver, uma vez que cada cidadão vive com um valor de US\$ 2 (R\$ 3,72) por dia. Sabemos muito bem a seriedade desse problema, que embora seja conhecido há muito tempo pelos sucessivos governos, nunca foi encontrada uma solução concreta para tal devido às muitas crises políticas, econômicas, sociais e ambientais que acompanham o país há décadas.

Desde já pensamos que essa ação só será possível se pensarmos de forma coletiva criando multiplicadores; isso é uma das nossas metas a realizar no futuro, na reconstrução do Haiti. Por isso, acreditamos que uma reconstrução ou remodelação do país só será real e verdadeira se concordarmos em perder para ganhar. Se nós realmente vemos a necessidade de incluir todos os haitianos, os de dentro e os de fora, em todos os planos para o resgate da nação, essa reforma ou reconstrução do país que estamos propondo deve necessariamente conduzir o Haiti a uma estabilidade baseada na justiça política e no direito à educação, à educação ambiental, à justiça social, à democracia participativa, à reorganização do sistema de saúde, habitação e trabalho. Se há algo urgente a ser feito, é pensar em reconstruir o Haiti a partir do homem ou ser haitiano, a sua reconstrução moral, intelectual, psicológica, espiritual, cultural, política e ambiental. Assim, o próximo capítulo se debruçará sobre a reinvenção da natureza do/no Haiti.